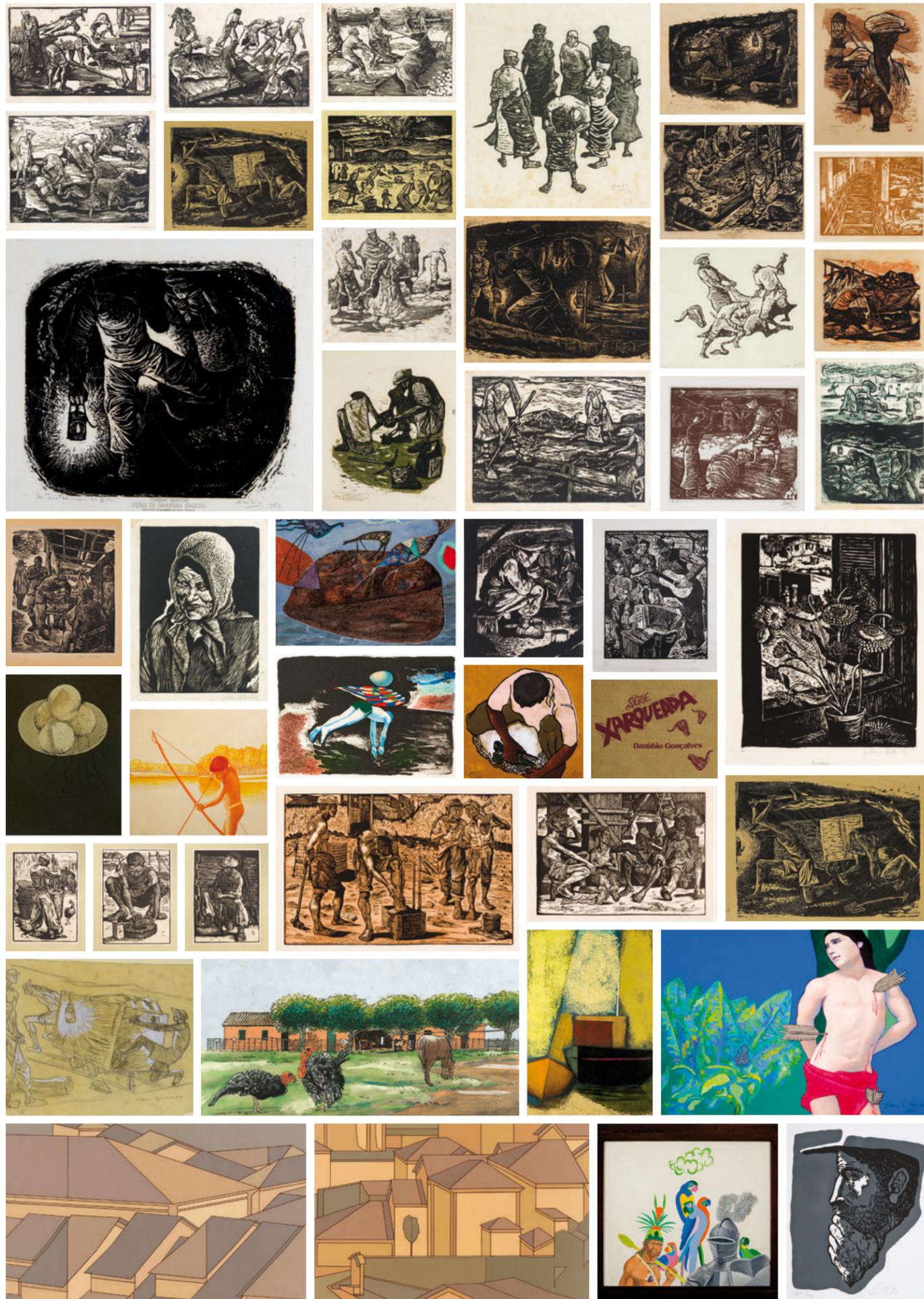




# OS QUATRO

## GRUPO DE BAGÉ



# OS QUATRO

## GRUPO DE BAGÉ

CARLOS SCLiar  
DANÚBIO GONÇALVES  
GLAUCO RODRIGUES  
GLÊNIO BIANCHETTI

CURADORIA  
CAROLINA GRIPPA E CAROLINE HÄDRICH

De 18 de março a 29 de junho de 2025



Ao abordar uma coletividade emblemática da Arte Moderna Brasileira, a mostra *Os Quatro – Grupo de Bagé* publiciza a ambição por ampliar e democratizar o acesso aos meios da arte, nutrida e empreendida pelos quatro criadores de um dos mais aclamados clubes de gravura do país.

Com influência do realismo social e do expressionismo, o contexto cultural surgido entre esses criadores ao longo da década de 1950, ecoava influências de vanguardas europeias e movimentos brasileiros. Nessas iniciativas, buscavam-se novas possibilidades para democratizar o acesso aos recursos e oportunidades do meio artístico. Mas talvez sua singularidade maior tenha sido a escolha de estar intimamente inserida na regionalidade e valer-se do saber local como parte de sua proposta para expansão do acesso à cultura e à arte. Assim também, a CAIXA busca, desde sua origem, garantir a inclusão financeira e social, evocando a potencialização socioeconômica de ordem regional. Há convergência, nesse sentido, quanto ao intento de criar um Brasil mais justo e acessível, onde todas as camadas sociais alcancem bens essenciais — seja através de programas de crédito e habitação ou por meio da democratização da produção artística.

Em nossa sociedade, somos todos agentes econômicos, tanto quanto estéticos, trazendo conosco o potencial de produzirmos criativamente para a realização individual e coletiva. Assim, poderá ser recompensador imaginar, por trás de cada traço gravado e de cada forma desenhada, pintada ou impressa nessas obras de arte, a proposta de uma união de artistas em torno de visões e valores ligados à emancipação social. Convidamos o visitante nessa jornada através do empenho inovador, dedicado ao fortalecimento de uma cultura íntegra e preocupada com o bem coletivo e planetário.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



Quando fui apresentado a Carlos Scliar, em meados da década de 1970, ocorreu um divisor de águas na minha vida pessoal e profissional. Fascinado pelas palavras do mestre, guardo vivas as primeiras lições de compromisso social que recebi dele, o único dos quatro que não era nascido em Bagé.

Particpei de um grande encontro do **Grupo de Bagé** em 1976, como um jovem produtor voluntário. Acompanhando esse mundo totalmente desconhecido para mim, aproximei-me não apenas de Scliar, mas também de Glauco Rodrigues e tantos outros convidados dos quatro artistas. Eles vieram acompanhados de colegas de profissão, que produziram obras inspiradas na vida nos pampas da fronteira gaúcha, dando continuidade ao projeto iniciado quase trinta anos antes.

No ano seguinte, quando deixei o Rio Grande do Sul e me instalei em Belo Horizonte, retomei com Scliar a conversa que tanto me interessara em Bagé – o respeito pela memória e pela qualidade de vida que a cerca. Pude testemunhar a sua dedicação na preservação de Ouro Preto, que ele fiscalizava pela janela de seu ateliê, de onde tinha uma vista privilegiada. Mais tarde, visitei por muitas vezes sua casa-ateliê em Cabo Frio e acompanhei sua luta pelo Parque Lage, no Rio de Janeiro.

Este relato serve para ilustrar o que nos incentivou a propor este projeto à **Caixa Cultural Brasília**, dando continuidade à mesma exposição realizada na Fundação Iberê. Nele, buscamos apresentar um pouco desse importante movimento coletivo que aconteceu no Rio Grande do Sul. Em sua origem, ele só existiu graças à preocupação de documentar atividades e paisagens que já poderiam estar à beira do esquecimento e da extinção. Tudo isso nos anos 1940 e 1950, quando temas como esses ainda não estavam na pauta do dia e o mundo parecia materialmente eterno.

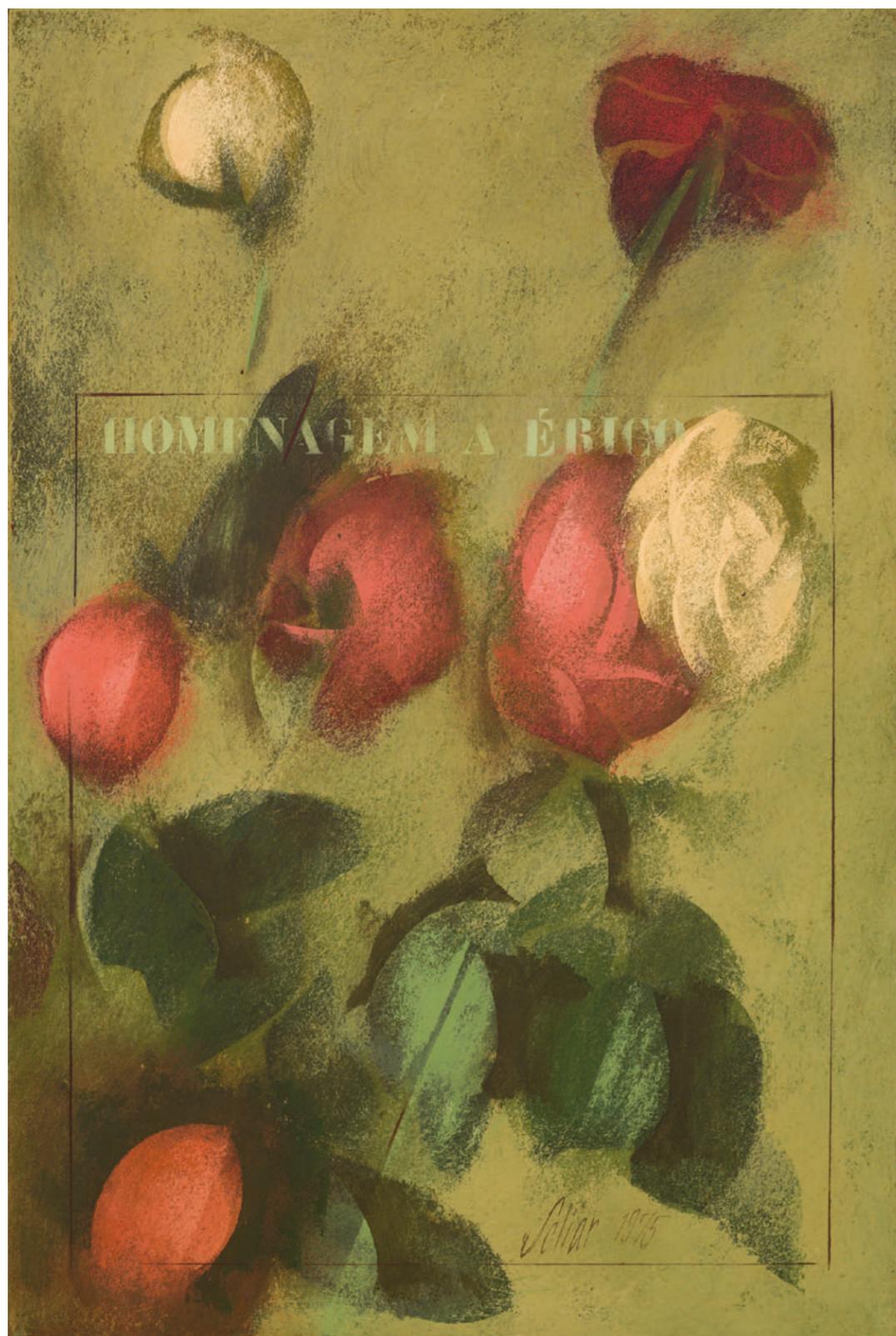
Quero agradecer, em nome da **Fundação Iberê**, a confiança e o apoio dos colecionadores e das instituições que contribuíram para a construção deste projeto, a dedicação das curadoras e à equipe da Fundação, incansáveis na busca do melhor em cada etapa.

À **Caixa Cultural Brasília**, o nosso especial agradecimento por generosamente abrir suas portas para receber a itinerância desta exposição, mostrando uma região pouco conhecida de nosso território nacional.

EMILIO KALIL  
Fundação Iberê



**Glauco Rodrigues**  
*São Sebastião de Bagé com verde, amarelo e azul,*  
da série *Visão da terra* (detalhe), 1977



## OS QUATRO GRUPO DE BAGÉ

CAROLINA GRIPPA  
CAROLINE HÄDRICH

A exposição *Os Quatro – Grupo de Bagé* traz à Caixa Cultural Brasília a grande mostra retrospectiva que teve a sua primeira montagem na Fundação Iberê em 2019. Realizada a partir de uma ampla pesquisa de documentação, reportagens de jornais e correspondências, ela tem como objetivo proporcionar ao público de Brasília a oportunidade de conhecer ou rever a produção artística dos quatro artistas do Sul do Brasil, agora em nova montagem.

Ocupando as principais salas expositivas, serão exibidas mais de 180 obras oriundas de 23 instituições e acervos particulares. Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (Porto Alegre), Pinacoteca Aldo Locatelli da Prefeitura de Porto Alegre, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp (Bagé, RS) e Instituto Carlos Scliar (Cabo Frio, RJ) são algumas das instituições a emprestarem obras; além de outras do espólio de Danúbio Gonçalves e Glênio Bianchetti, cedidas por suas famílias.

Uma mistura de temas universais e modernos, elaborada a partir da experiência e da representação de aspectos regionais, é o que caracteriza e une o trabalho dos quatro artistas, que, mais por sua proximidade e camaradagem, do que propriamente por um desejo de formar um movimento com uniformidade estética, ficou conhecido como *Grupo de Bagé*. Um grupo de pessoas muito talentosas que o acaso uniu, e que criou um trabalho tão sólido que a passagem do tempo apenas renova seu interesse.

Na Bagé da metade da década de 1940, longe do agito dos principais centros urbanos, os jovens amigos Glauco Rodrigues e Glênio Bianchetti descobriram uma atividade diferente para passar o tempo nas férias de verão. Começaram ali seus exercícios de pintura e desenho e, a partir de 1948, junto com o já iniciado nas artes Danúbio Gonçalves, e outros curiosos, como Clóvis Chagas, Deny Bonorino e Julio Meirelles, passaram a aprofundar seus interesses nas técnicas e teorias clássicas. Na cidade, ainda morava Pedro Wayne, escritor politicamente engajado, que desde os anos 1930 produzia romances, poemas, peças de teatro e folhetins em formato moderno. Wayne se correspondia com Erico Verissimo e Jorge Amado, além de ter relações com o pintor moderno José Moraes e, por conta disso, tornou-se o mentor intelectual daqueles tão interessados meninos. O círculo se fechou com a chegada de Carlos Scliar, que voltava de sua estada na Europa e participação na II Guerra Mundial, com uma recheada bagagem intelectual e contatos de artistas atuantes no então conturbado cenário mundial.



1



2



3



4

1. Carlos Scliar. 2. Glênio Bianchetti. 3. Glauco Rodrigues. 4. Danúbio Gonçalves.

O mais importante e profícuo contato de Scliar foi com Leopoldo Mendez, do Taller de Gráfica Popular (TGP) do México, cujo trabalho influenciou o Grupo de Bagé, especialmente na divulgação de causas políticas a favor da paz, da liberdade, dos direitos dos trabalhadores e da justa distribuição das riquezas. As técnicas de gravura, que facilitam a reprodução em grande escala, possibilitaram que as obras chegassem ao público de maneiras distintas, seja na forma de ilustração de artigos na revista *Horizonte* ou em materiais publicitários e panfletos do Partido Comunista. Por outro lado, a produção do grupo complementava a obra de Wayne, ilustrando as

descrições das condições miseráveis nas quais viviam – e as humilhações a que eram submetidos – os trabalhadores da região, nas estâncias, charqueadas e nas minas de carvão. A junção desses dois aspectos fez com que o trabalho do Grupo delineasse características estéticas e temáticas próprias e bastante particulares, que impedem, ainda hoje, sua classificação dentro de categorias como o Realismo Socialista, por exemplo.

Na década de 1950, foram criados o *Clube de Gravura de Porto Alegre* (1950) e o *Clube de Gravura de Bagé* (1951), os quais mais tarde foram unidos e através deles foi criado um importante e independente sistema de divulgação dos artistas regionais, tomado como modelo até a atualidade. A participação nos clubes foi essencial para a consolidação da carreira dos quatro artistas, criando oportunidades que acabaram por separá-los. No ano de 1956, com o encerramento das atividades dos clubes, cada um seguiu uma trajetória distinta, porém, sempre carregaram características de seus anos de formação, na produção de material gráfico e ilustrações para a revista *Senhor* (no caso de Carlos Scliar e Glauco Rodrigues) e na constante volta aos temas regionais, em sua maior parte com um viés de crítica social. Em 1976, os quatro artistas voltaram a produzir juntos em Bagé, em um encontro que resultou na criação do Museu da Gravura Brasileira e em obras que retomaram a temática regional, porém refletindo as mudanças e diferentes caminhos que cada um deles traçou após a separação.

Contar essa história é o objetivo principal da exposição; mas com uma nova e ampliada abordagem. A versatilidade e a rica produção dos quatro artistas serão exibidas através de gravuras, quadros, aquarelas e capas de revistas, a partir de novas leituras e percepções acerca do trabalho do Grupo, frutos de estudos e documentários realizados por diversos pesquisadores do Rio Grande do Sul.

**Carolina Grippa** é doutoranda em História, Teoria e Crítica de Arte na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em História, Teoria e Crítica e graduada em História da Arte pela mesma instituição. Dedicou-se a pesquisas sobre tapeçaria brasileira, atua na área de produção cultural e realiza curadorias independentes.

**Caroline Hädrich** é doutoranda em História, Teoria e Crítica de Arte na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em História, Teoria e Crítica, é arquiteta e graduada em História da Arte pela mesma instituição. Trabalha com arquitetura e realiza curadorias independentes.



ESTA genuína chácara da campanha gaúcha, que domina toda a cidade de Bagé, representa o Montparnasse dessa cidade tipicamente pecuária. Afí o pintor José Morais instalou e ministrou o seu rápido curso de arte para um grupo de ingênuas mas talentosas "vocações do interior".

BAGÉ, como se sabe, é uma cidade que vive quase exclusivamente da pecuária. A verdade é que a vida entregue às lides do campo não predispõe muito ao desenvolvimento de sensibilidades, nem ao apuro de dotes intelectuais. Acontece, porém, que há os indivíduos predispostos para a arte, como para essa ou aquela enfermidade. Assim se explica, creio, porque Bagé também possui os seus artistas de vanguarda.

Para muita gente, as cidades pequenas são repetições umas das outras. São nomes diferentes encontrando aspectos sempre iguais. Mas isso só é assim para quem vê nessas cidades apenas os pontos principais: o trecho em que as moças passeiam todas as tardes de verão; o local em que fica a única livraria da cidade, que também vende ferros de engomar, jarras, copos, parafusos, anzol e linha; a Praça da Matriz que se enche de gente à saída da missa dominical; o lugar em que todos os que moram no perímetro urbano se conhecem e são sempre os mesmos.

No entanto, cada cidade do interior encerra mais segredos do que o fundo do mar. E, para Bagé, um desses segredos está precisamente na existência desses artistas de vanguarda.

São uns poucos que sabem gostar de um quadro de Goya, de Rubens, de Rafael, mas que sentem e apreciam da mesma maneira um Gauguin, um Picasso, um Portinari, um Manet. Gente que lê com gosto e comenta com oportunidade e segurança Mário de Andrade e Manuel Bandeira, Jorge Amado e Graciliano Ramos, da mesma forma que vibra com "Chanaan" de Graça Aranha, ou se interessa por Aluizio de Azevedo, Castro Alves e Euclides da Cunha.

Nesta situação encontram-se três adolescentes. Três jovens que notam em si uma necessidade de pintar, que querem exprimir com as tintas algo que há nelas e as palavras não completam. Faltava-lhes, porém, a orientação de algum conhecedor dos segredos da pintura, de alguém que lhes ensinasse o verdadeiro caminho da composição, que lhes explicasse o porquê do que faziam.

Foi quando chegou a Bagé, após um prêmio de viagem, José Morais,

esse tipo magro de óculos, com seu jeito perfeito de artista-pintor, mostrando logo ser sua própria alma o quadro mais bonito que carrega.

E é principalmente por causa de José Morais que estamos escrevendo esta reportagem.

#### DESORDEM E SIMPLICIDADE

Estamos num domingo feio, de caminhos embarrados e céu sombrio. De momento a momento, nuvens pesadas se desmancham em grandes pancadas de chuva. Caminhamos na terra ensopada, sendo impossível contornar as poças d'água.

A um quarto de légua da cidade, bem num alto, entre árvores antigas, está a chácara da Viúva Stechmann. Já na larga porteira, pintada de vermelho, avistamos extensões lavradas, trechos cultivados, atestando que há um caseiro ativo e atento, tomando conta das plantações. Mas, o que de momento nos interessa são as peças amplas, da parte da frente da casa em que vamos chegando. E' nessas peças que o pintor José Morais trabalha com o seu grupo — ele e os rapazes formam o "grupo dos quatro".

Encontramos o atelier em plena atividade. Quadros terminados, junto às paredes. Estudos de tipos e de naturezas mortas empilhados em mesinhas e cadeiras. Caixas com pincéis e tubos de tintas sobre as janelas. Jarras, frutas, estatuetas, objetos diversos em posição de serem aproveitados para o trabalho artístico.

Toda essa desordenada simplicidade, todo esse ambiente inesperado não é mais do que o Montparnasse de Bagé. Sim, senhores: o Montparnasse de Bagé.

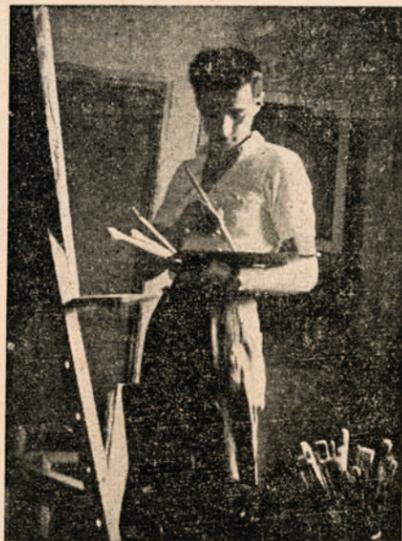
#### MISSÃO DE JOSÉ MORAIS

Sobre José Morais, a REVISTA DO GLOBO já publicou uma reportagem (n.º 412, 8-6-946). Agora os leitores o encontram de novo, numa atividade incansável, como primeira figura do Montparnasse bageense. Trabalhando em estudos de tipos po-

# "MONT PARNASSE" EM BAGÉ

Reportagem de PEDRO R. WAYNE

ARTE MODERNA EM PLENA CAMPANHA — TRÊS LEGÍTIMAS VOCAÇÕES ENCONTRAM O SEU RUMO, AFINAL — JOSÉ MORAIS, PINTOR PREMIADO, O ANIMADOR DE UM GRUPO DE VANGUARDA EM BAGÉ



GLÊNIO Bianchetti ainda se acha indeciso entre o comércio e a pintura, não por sua mas por causa dos pais. Tem 18 anos.

pulares e de figuras de nosso homem do campo.

Além de várias naturezas mortas e algumas paisagens, Morais acaba de terminar uma composição a óleo que é de grande vigor. Duas mulheres — a indigente e a proletária — e duas crianças. Um quadro intensamente vivo e angustiantemente real. Com esse quadro e dois retratos, ele pretende concorrer ao próximo Salão do Rio de Janeiro.

Morais nos fala dos rapazes que estão sob sua orientação artística. Acredita que se tornarão em excelentes pintores, pois admite que são portadores de legítimas qualidades artísticas. Acentua, ainda, a necessidade do governo se interessar em dar maior divulgação à arte nas cidades pequenas, principalmente facilitando, aos que desejam estudar, livros especializados.

Desde que chegou em Bagé, Morais passou a desempenhar uma fecunda e proveitosíssima missão, não só pelos estudos que está fazendo para sua obra como pelo apoio que representa junto a esses rapazes. A admiração que eles lhe votam é facilmente verificável: pela maneira entusiástica com que falam a seu respeito, bem como pela atenção e disciplina com que seguem suas instruções.

#### "RETRATISTA" DE QUARTEL

Clovis Chaga é um dos componentes do grupo. Tem a pele da cor da de Ruth Guimarães e o físico lembra em tudo um homem dos muros de Portinari. Grosso de corpo, baixote, feições rudes, pés e mãos grandes — é o mais velho dos discípulos, com 21 anos de idade. De ordinário calado, quando toma parte em qualquer conversação não vai além do estritamente indispensável.

No entanto, dos principiantes, é o que mais leu sobre arte moderna,

embora não tenha feito nem sequer o curso primário. Mas, como Portinari e Pancetti, lendo e estudando sozinho, adquiriu conhecimentos gerais que muitos doutores com diploma bem à vista e anelão falcante não têm.

Van Gogh foi e continua sendo o seu todo-poderoso. Rapaz muito pobre, de família humilde, não querendo se entregar a uma profissão diferente da de sua inclinação, sempre evitou empregar-se para exercer um ofício que não fosse o seu. Por is-



COM apenas 17 anos, Glauco Rodrigues é talvez a vocação mais definida do grupo. Picasso é o seu "fraco" de artista jovem...

so, manteve-se durante muito tempo pintando quadros e ornamentos que ele mesmo saía a vender. Rendia pouco, mal lhe dava para comer, e ele andava mal vestido e sem ter o que calçar.

Atualmente, porém, se encontra nas fileiras do Exército, por ter sido chamada a sua classe. Na sua entrada para o quartel, há uma passagem curiosa que merece ser relatada.

Foi por ocasião de sua apresentação à guarnição. Ao lhe serem inquiridos os dados de identificação necessários, disse que era pintor, esclarecendo, entretanto, que não pintava paredes nem era desses pintores de anúncios comerciais. O oficial que o interrogava, vendo-o tão pobremente vestido, com aquele ar de alheio à vida, julgou, talvez, que Clovis estivesse arranjando uma desculpa para não confessar que era um desocupado por indole. E, pensando embaraçá-lo, mandou que desenhasse, ali, na presença de todos, alguma coisa.

Com a simplicidade que lhe é peculiar, que tanto define sua modéstia, Clovis tomou do lápis e do papel que lhe apresentaram e se pôs a riscar. Surpreendendo os presentes, em rápidos instantes traçou um retrato do oficial que o tentara enredar.

Foi a conta. Em pouco tempo, não havia oficial de sua unidade que não

quisesse possuir um retrato feito por Clovis. E o negro, calma e indiferentemente, passou a gozar dessas regalias que para um praça são tão difíceis de obter na caserna.

Seus trabalhos, agora orientados por Morais, atestam grande progresso. Domina com facilidade o óleo e obtém belos efeitos usando muito poucas cores.

#### ENTRE A ARTE E O COMÉRCIO

Glênio Bianchetti é outro dos que estudam com Morais. Com 18 anos, terminou o curso ginasial o ano passado e está no 1.º ano comercial do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Alto, magro, nervoso, meio gago, gosta muito de falar; e tem o cacete de cerrar os olhos quando se empolga com o que está dizendo.

Sua vida interior é inteiramente inundada de pintura. Parece que vê pintura no que enxerga, sente pintura no paladar quando se alimenta, ouve pintura nos sons e aspira pintura em tudo o que lhe chega ao olfato. Todos os seus sentidos estão voltados para essa vocação que abraça com tanto entusiasmo.



CLOVIS Chagas já foi andarilho. Morais o encontrou forte no desenho, um desenho arbitrário, é claro. Mas Clovis já pinta.

Filho único de família abastada, tem no entanto um conflito íntimo, um desses casos que diariamente vão parar às mãos do conselheiro da REVISTA DO GLOBO. E' ele mesmo quem confessa ao repórter:

— Pois é... estudo comércio muito chateado.

Não gosta nem um pouquinho dessa profissão que o querem fazer seguir. E só pela imensa gratidão que vota aos pais vem fazendo esses estudos.

Glênio diz, e se torna triste quando fala sobre isso, que sofre muito com esse torturante dilema:

ou magoar os pais ou prejudicar sua verdadeira vocação.

Seu maior anseio consiste em transferir-se para o Rio de Janeiro. Ali pretende reunir-se a outro pintor bageense, já vitorioso: Danúbio Vilamil Gonçalves.

Morais está de pleno acôrdo com essa aspiração de Glênio. E se justifica dizendo que o rapaz revelou desde o início de sua pintura uma rara percepção da arte moderna.

#### CACHORRO TEM OLHOS?

Com Glauco Rodrigues, terminaremos a apresentação dos três discípulos de José Morais. Glauco tem 17 anos, é o mais moço da turma e cursa o 1.º ano científico.

Começou copiando figuras de Lucídio Albuquerque e cromos de folhinhas. Os seus primeiros passos na pintura, portanto, tenderam para moldes rigorosamente acadêmicos; e Glauco nunca deixa de se penitenciar por isso.

Mas isso não foi tão grave assim. Vê-se logo que ele é severo demais para consigo mesmo. A prova desse auto-rigorismo se evidencia quando nos pomos em frente aos trabalhos que repudia. Não são puras cópias, frouxas e inertes reproduções. Essas telas ganharam uma significação diferente da existente nas que serviram de modelo, e tomaram do novo pintor seu cunho pessoal que vinha despontando. Glauco, como seus demais companheiros, nunca foi um imitador, mesmo quando, em plena desorientação, buscava se parecer com esse ou aquele artista.

Glauco também relata um episódio pitoresco, e o faz entre risadas gerais. Ele fala com certo nervosismo, que se acentua à medida que cresce a vivacidade de sua prosa.

Conta que antes de terem entrado

Continua na Pág. 71



MORAIS e Geni, no estúdio da chácara bageense. Morais, quando em Bagé, executou muitos trabalhos com motivos da região.

## INÍCIO DO GRUPO

“ A partir do dia 15 deste mês, terá lugar no auditório do *Correio do Povo*, a primeira mostra da jovem pintura dos novos de Bagé. Os artistas integrantes do grupo, Danúbio Villamil Gonçalves, Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti, Clóvis Chagas, Deny Bonorino e Julio Meireles, têm expressivos trabalhos a revelar. Unidos no mesmo agrupamento, lutando juntos para a realização de obra perdurável, embora guardando cada um de suas próprias características, os pintores de Bagé contribuem valiosamente para a arte do Rio Grande do Sul.

*Correio do Povo*, Porto Alegre, 6 out. 1948

“ Foi tudo muito em torno de Pedro Wayne, que a gente ia visitar e via nas paredes da casa ilustrações de Scliar. Via e gostava.

Glauco Rodrigues. *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 10 jan. 1976

Pedro Wayne chegou em Bagé em 1927, e lá exerceu uma extensa gama de atividades, incluindo a literatura. Desde 1931 produziu romances, poemas, peças de teatro e folhetins com características modernistas, o que o levou a aproximar-se de importantes autores nacionais, como Erico Verissimo e Jorge Amado. Wayne também tinha um espírito revolucionário, tendo se envolvido em diversos movimentos estaduais e nacionais, sempre ao lado dos trabalhadores do campo ou operariado, visando justiça social. Carlos Scliar, que tinha parentes morando em Bagé, e ideias semelhantes às do escritor, frequentava sua casa e o tinha como bom amigo.

Foi em torno deste importante personagem da cultura local que, na metade da década de 1940, Glauco Rodrigues e Glênio Bianchetti, muito jovens, com 16 e 17 anos, começaram a desenhar e a pintar, durante as férias de verão. Mais tarde, Wayne introduziu Danúbio Gonçalves ao “ateliê”, que trouxe para o Grupo, a partir de sua experiência na França, o interesse no aprofundamento dos estudos de técnicas e teorias clássicas de desenho. Já a influência da pintura moderna veio com a passagem do artista carioca José Moraes, que ficou um período na cidade quando ganhou uma bolsa de viagem de estudos. Scliar, quando voltou de sua estada na Europa e participação na II Guerra Mundial, se interessou pelo movimento daqueles jovens em torno de Wayne, e passou também a frequentar, e praticamente liderar as atividades do Grupo, de certa maneira, reforçando as ideias passadas pelo escritor a respeito de cultura e política.

Carlos Scliar  
Capa da revista *Horizonte*, ano II, n. 5, Porto Alegre, maio 1952

## CLUBES DE GRAVURA E REVISTA HORIZONTE

“ Então, de repente, uma das ideias que eu trazia da Europa me surgiu na mente: um clube de gravura, semelhante ao Taller de Gráfica Popular do gravurista mexicano Leopoldo Méndez. Ora, para atingir o público havia necessidade da gravura ser legível, isto é, figurativa. Em segundo lugar, que essa gravura abordasse um tema que o pessoal fosse sensível a ele.

Carlos Scliar. *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 10 jan. 1976

# HORIZONTE

PORTO ALEGRE, MAIO DE 1952 ★ ANO II ★ N.º 5 ★ PREÇO CR\$ 5,00



“ Já nessa época o Glauco era um jovem artista no Rio que tinha ganhado uma medalha de prata no Salão de Arte Moderna. O Glênio era um jovem artista em Porto Alegre começando a fazer uma obra que se destacava. Nosso trabalho começou comigo e com Vasco Prado em Porto Alegre e Glauco e Glênio em Bagé. Depois chegou Danúbio em 1951. O Clube de Gravura estava começando.

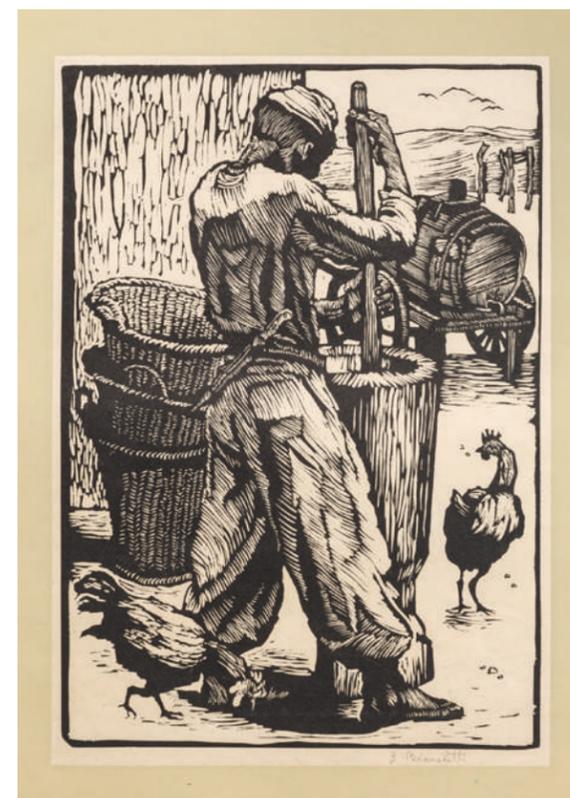
Carlos Scliar. *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 10 jan. 1976

## CLUBES DE GRAVURA

Os clubes de gravura de Bagé e de Porto Alegre foram inspirados na organização do Taller de Gráfica Popular (TGP) do México, fundado em 1937, cujo principal objetivo era unir artistas preocupados com questões políticas e sociais e produzir materiais gráficos (cartazes, gravuras, panfletos) para que fossem distribuídos pela cidade como divulgação de seus ideais. Carlos Scliar conheceu o Taller em 1948, através de um de seus criadores, Leopoldo Méndez, quando participou do Congresso Mundial de Intelectuais em Defesa da Paz, realizado na Polônia. Voltando ao Brasil, estimulou outros artistas a criarem algo semelhante, inserindo-os na rede mundial de trocas e cooperação artística e política.

Seguindo os princípios do Taller – uso da figuração e comprometimento social –, em 1950, Carlos Scliar e Vasco Prado criaram o *Clube dos Amigos da Gravura* em Porto Alegre, com sede no segundo andar em um prédio na Rua dos Andradas, no centro da capital. Funcionando como um consórcio de gravuras, o clube estimulou o interesse de artistas e do público pelo suporte, que poderia adquiri-las pagando uma mensalidade. Poucos meses depois, em 1951, Bianchetti, Scliar, Gonçalves e Rodrigues criaram o *Clube de Gravura de Bagé*, que além da produção de gravuras, abriu a Galeria Oyarzabal e uma escolinha de arte para a comunidade. Com a saída dos artistas da cidade de Bagé, o clube se integrou ao de Porto Alegre, que existiu até 1956.

Mesmo com poucos anos de duração, os clubes de gravura foram um marco para a história da arte brasileira, criando um dos primeiros movimentos a pensar a gravura como um suporte artístico. Sendo uma técnica mais acessível, por conta da facilidade de sua reprodutibilidade – de uma única matriz, são possíveis diversas cópias – a gravura se difundiu pelo Brasil, surgindo outros clubes, como os de São Paulo, Santos, Rio de Janeiro e Recife.



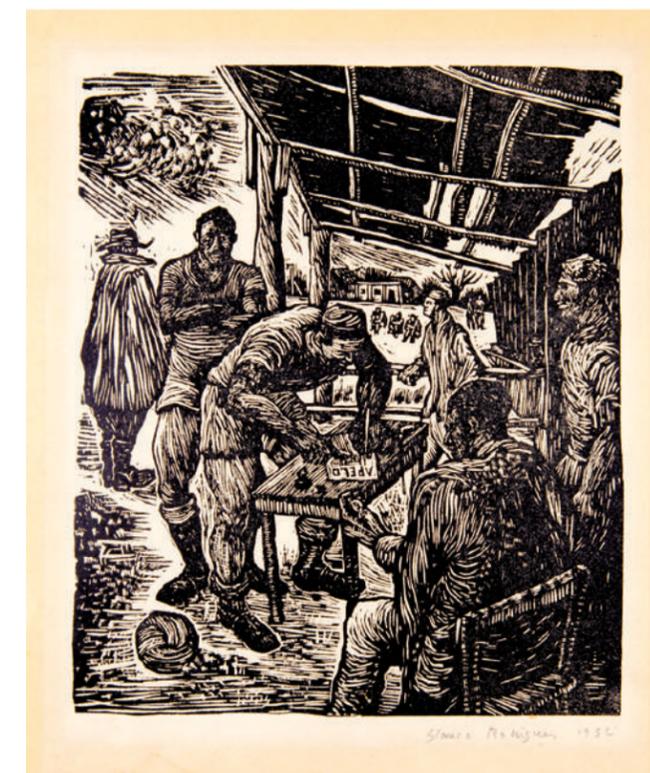
5



6



7



8

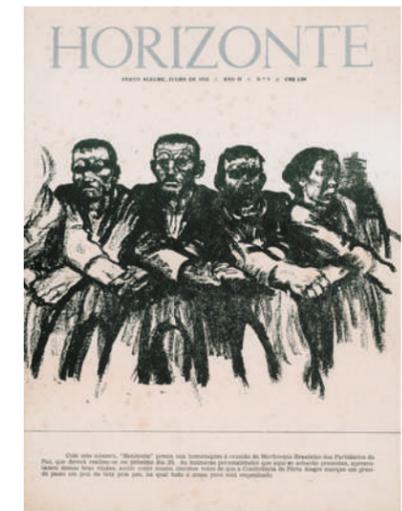
5. **Glênio Bianchetti**. *Pilão*, 1955. Linoleogravura, 31 x 22 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 6. **Carlos Scliar**. *Sesta*, 1955. Linóleo e camaieu, 31 x 46 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 7. **Danúbio Gonçalves**. Sem título, da série *Mineiros do Butiá*, 1959. Xilogravura em duas cores, 18,3 x 20,5 cm. Col. Dalacorte. 8. **Glauco Rodrigues**. *Do campo de futebol*, 1952. Linoleogravura, 24 x 20 cm. Col. Dalacorte.



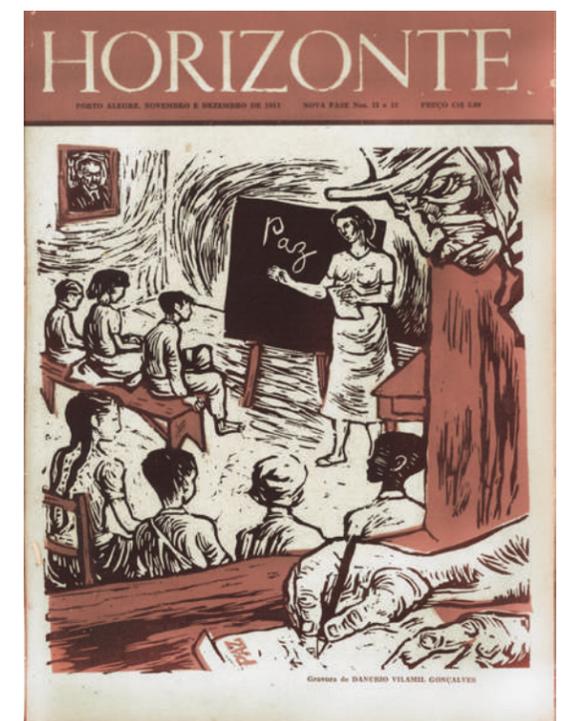
## REVISTA HORIZONTE

A revista *Horizonte* circulou no Rio Grande do Sul de 1949 a 1956, tendo como objetivo veicular a estética do Realismo Socialista e difundir ideais do Partido Comunista. Seu primeiro diretor foi Cyro Martins, responsável pelas três primeiras edições. Foi substituído pela poeta Lila Ripoll, que desenvolveu uma nova fase na revista, tendo como conselheiros de redação Vasco Prado e Carlos Scliar.

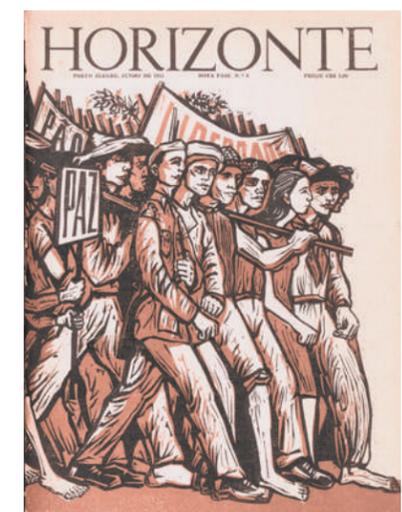
Em suas páginas, encontram-se reproduções de trabalhos dos quatro artistas de Bagé, de outros artistas do Rio Grande do Sul – Carlos Petrucci, Edgar Koetz e Nelson Boeira Faedrich, por exemplo, e internacionais – Leopoldo Méndez e Käthe Kollwitz, além de críticas de cinema, literatura e artes visuais, tornando a revista um veículo para o debate da cultura no Rio Grande do Sul.



10



11



12

9. Revista *Horizonte* com obra de Danúbio Gonçalves na capa, Porto Alegre, n. 3-4, mar.-abr. 1952. Col. Instituto Cultural Carlos Scliar. 10. Revista *Horizonte* com obra de Käthe Kollwitz na capa, Porto Alegre, n. 7, jul. 1952. Col. Instituto Cultural Carlos Scliar. 11. Revista *Horizonte* com obra de Danúbio Gonçalves na capa, Porto Alegre, n. 11-12, nov.-dez. 1951. Col. Instituto Cultural Carlos Scliar. 12. Revista *Horizonte* com obra de Carlos Scliar na capa, Porto Alegre, n. 6, jun. 1951. Col. Instituto Cultural Carlos Scliar.

Glauco Rodrigues  
*Cancha Reta* (detalhe), 1976

## ENCONTRO DE 1976

“ Hospedados em fazendas de Bagé, onde permanecerão durante vinte dias, pesquisando e trabalhando suas obras, artistas plásticos gaúchos, integrantes do *Clube de Gravura*, e outros oriundos do centro do país, iniciam, hoje, o *Encontro de Bagé*, uma promoção de várias entidades oficiais e particulares, que deverá colocar, uma vez mais, nosso Estado no calendário cultural do País com um dos eventos mais importantes do ano que se inicia.

Maria Helena Webster. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 4 jan. 1976



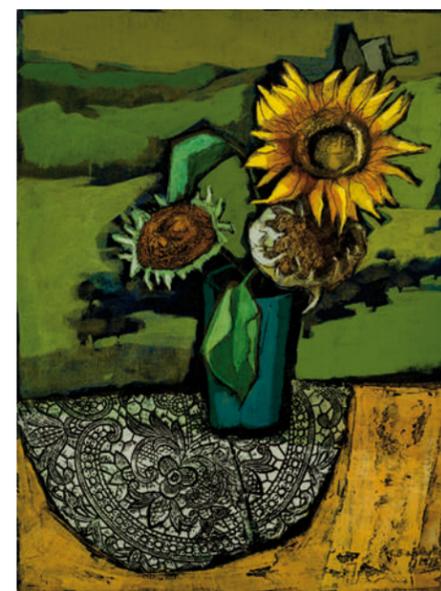
## I ENCONTRO NACIONAL DE ARTISTAS PLÁSTICOS – 1976

Em janeiro de 1976, um evento movimentou Bagé: o I Encontro Nacional de Artistas Plásticos, reunindo o Grupo, juntamente com outros artistas convidados, como Anna Letycia Quadros, Anico Herskovits, Antonio Maia, Armando Almeida, Clébio Sória, Darcy Penteado, João Henrique, José Lima, Maria Luiza Leão e Norberto Stori.

Por cerca de vinte dias, os artistas foram hospedados em estâncias da região, onde desenharam e trabalharam, revivendo o que era feito no início do Grupo. Em homenagem a **Scliar, Glênio, Glauco** e **Danúbio**, foi realizada uma exposição no Museu Dom Diogo de Souza e criado o Museu da Gravura Brasileira, com o objetivo de garantir um acervo da produção de gravuras incentivadas pelos artistas. Durante o encontro, também houve uma intensa programação, com palestras, lançamento de livros, além de uma grande entrevista com os artistas, transcrita e publicada nas páginas do jornal *Correio do Povo* no decorrer do mesmo ano.



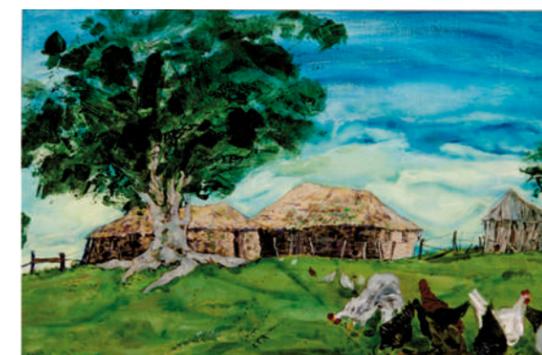
13



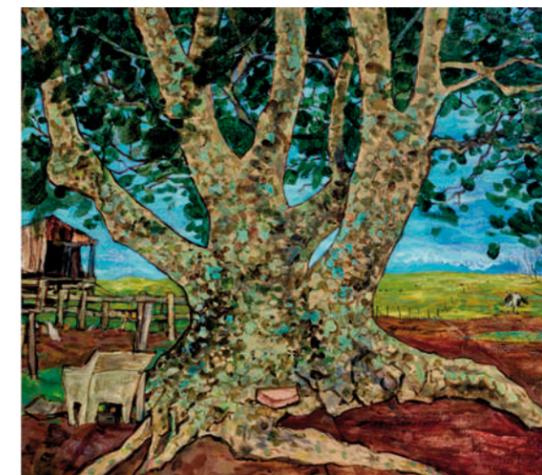
14



17



15



16



18

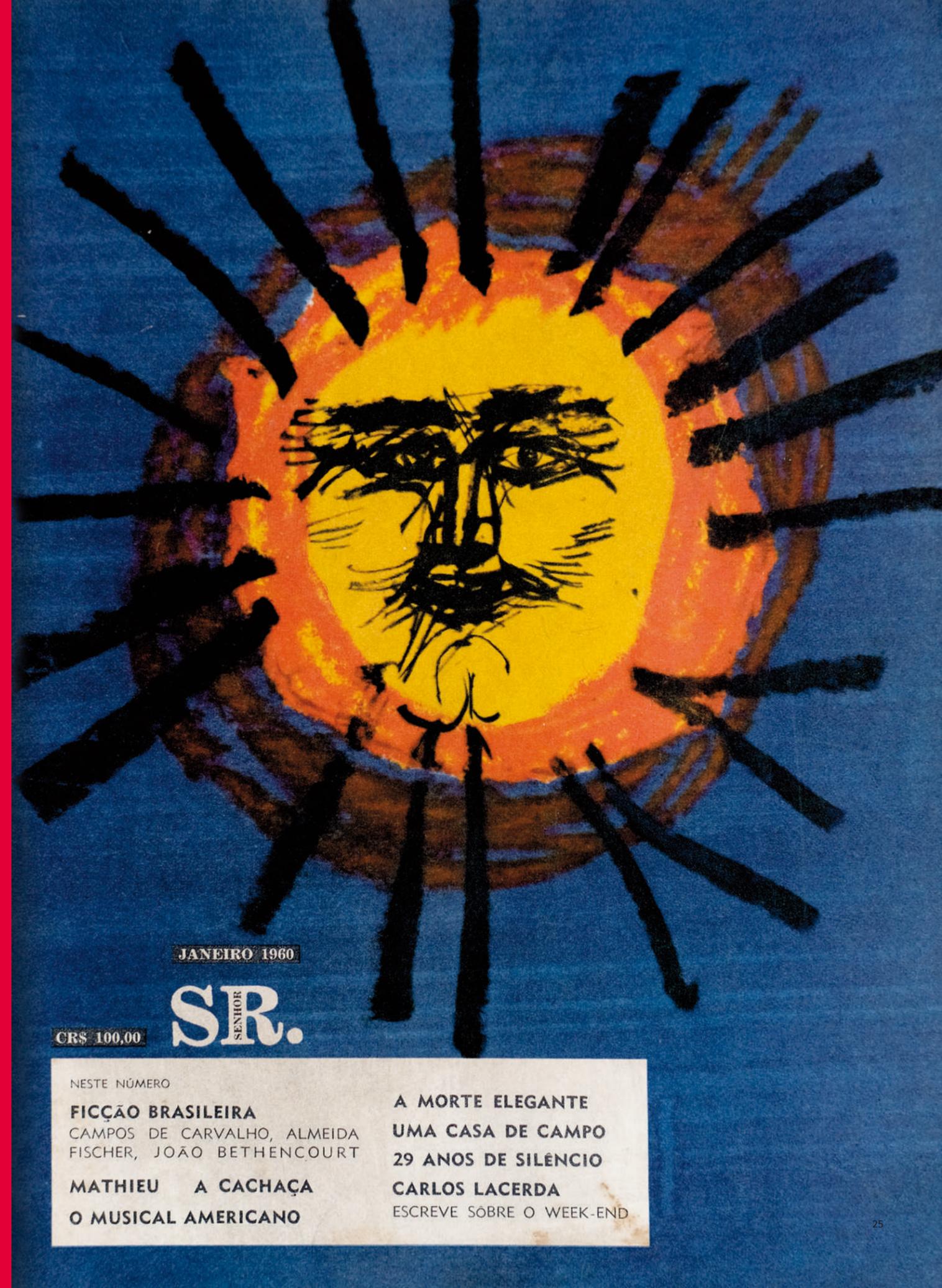
**13. Glauco Rodrigues.** *Boleadora e ferradura* (detalhe), 1976. Óleo sobre tela colada em aglomerado, 54 x 74,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1982. **14. Glênio Bianchetti.** *Os girassóis*, 1976. Tinta acrílica sobre tela colada em madeira, 40 x 54 cm. Col. Fundacred. **15. Danúbio Gonçalves.** *Agregado*, 1976. Tinta acrílica sobre tela, 59 x 88 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. **16. Danúbio Gonçalves.** *Umbu*, 1976. Óleo sobre tela, 70 x 64 cm. Col. Fundacred. **17. Carlos Scliar.** *Jovem Oleiro*, 1976. Tinta vinílica encerada sobre tela, 56 x 37 cm. Col. Fundacred. **18. Glênio Bianchetti.** *Sem título*, 1976. Tinta acrílica sobre tela, 67 x 97 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1982.

Glauco Rodrigues  
Capa da revista *Senhor*, jan. 1960

## REVISTA SENHOR

“ O *Pasquim* que me desculpe, mas a *Senhor* foi a melhor publicação em que trabalhei [...]. Como diretor de arte, Scliar tirava água de pedra. Na gráfica que imprimia as listas telefônicas, ele fazia milagres; os caras que trabalhavam naquelas máquinas não acreditavam que elas pudessem fazer o que Scliar planejava – e realizava. E ficaram empolgados com os resultados obtidos. Fez da *Senhor* a mais inovadora e bela revista da época. Com seu poder suave, tinha o dom de transformar tudo que tocava numa coisa de beleza.

Jaguar. *Jornal O Dia*, Rio de Janeiro, 16 maio 2001



JANEIRO 1960

CR\$ 100,00

SR.  
SENHOR

NESTE NÚMERO

**FICÇÃO BRASILEIRA**

CAMPOS DE CARVALHO, ALMEIDA  
FISCHER, JOÃO BETHENCOURT

**MATHIEU A CACHAÇA**

**O MUSICAL AMERICANO**

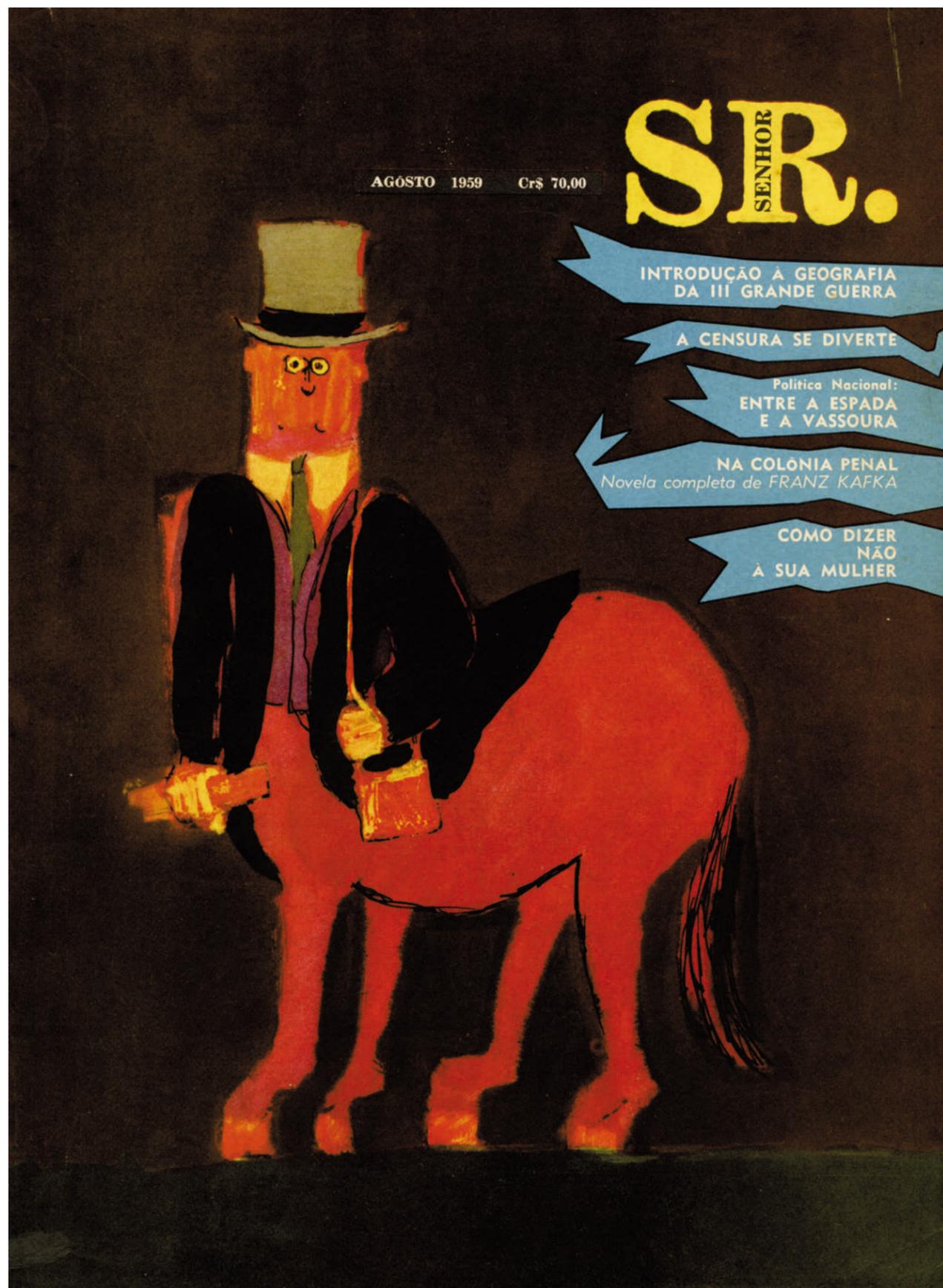
**A MORTE ELEGANTE**

**UMA CASA DE CAMPO**

**29 ANOS DE SILÊNCIO**

**CARLOS LACERDA**

ESCREVE SOBRE O WEEK-END



## REVISTA SENHOR

A *Senhor*, revista de circulação nacional editada no Rio de Janeiro, capitaneada pelo jornalista Nahum Sirotsky, circulou de março de 1959 a janeiro de 1964 como uma publicação voltada para o alto empresariado, ou seja, um público masculino (e suas esposas, que compravam as revistas) de elite econômica e intelectual. Nas suas 57 edições, jornalistas como Paulo Francis e Luiz Lobo editoravam colunas de política, economia, entretenimento e especialmente de cultura, publicando peças de ficção inéditas de autores nacionais como Jorge Amado, João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, e internacionais traduzidos, como Ernest Hemingway e Ray Bradbury, por exemplo.

O humor permeava a publicação tanto no teor dos textos quanto nas ilustrações de capa e internas. Com direção de arte entre 1959 até julho de 1961 a cargo de Carlos Scliar, auxiliado por Glauco Rodrigues e o cartunista Jaguar, a revista apresentou um projeto gráfico inovador, com destaque para as capas, que priorizavam a exibição de obras de artistas e designers nacionais, como Glauco Rodrigues, Bea Feitier e do francês Michel Burton.



**19. Glauco Rodrigues.** Capa da revista *Senhor*, ano 1, n. 6, Rio de Janeiro, ago. 1959. Acervo Documental Fundação Iberê. **20. Glauco Rodrigues.** Capa da revista *Senhor*, ano 3, n. 8, Rio de Janeiro, ago. 1961. Col. Lucy Niemeyer. **21. Glauco Rodrigues.** Capa da revista *Senhor*, ano 1, n. 4, Rio de Janeiro, jun. 1959. Col. Lucy Niemeyer.

Com o encerramento das atividades dos clubes, em 1956, cada um dos quatro seguiu uma trajetória distinta: **Carlos Scliar** e **Glauco Rodrigues** foram para o Rio de Janeiro, trabalharam juntos na produção e direção de arte da revista *Senhor* e depois continuaram suas carreiras como pintores no estado fluminense. Glauco na capital e Scliar em Cabo Frio, após um período passado em Ouro Preto (MG). **Glênio Bianchetti** fixou residência em Brasília, onde começou a dar aulas na recém-criada Universidade de Brasília. Durante o período da ditadura militar, foi impedido de lecionar, mas continuou sua carreira de pintor na cidade até o ano de seu falecimento.

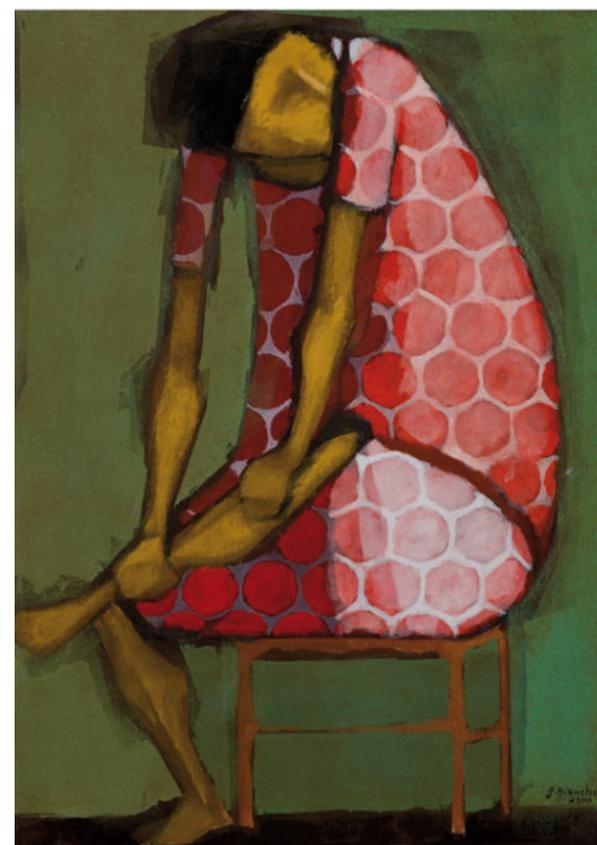
## PRODUÇÃO INDIVIDUAL

**Danúbio Gonçalves** continuou em Porto Alegre; foi professor de litografia no Atelier Livre da Prefeitura por 30 anos e participou da formação de reconhecidos artistas da cidade. Também manteve o hábito de viajar pelo país e para o exterior, sempre observando atentamente as diferentes paisagens, formas e comportamentos.

Apesar da separação, podemos perceber no trabalho dos quatro uma periódica volta aos temas regionais, seja na representação da paisagem e da fauna do pampa, seja nos costumes da população da campanha, como se os anos de formação em Bagé tivessem deixado uma marca profunda em suas produções estéticas.



22



24



23



25

**22. Glauco Rodrigues.** *Dois ginetes*, 1976. Serigrafia, 38 x 56 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **23. Danúbio Gonçalves.** *Salam Alikum*, 1982. Litografia, 52,5 x 37,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da artista, s.d. **24. Glênio Bianchetti.** *Descanso*, 2000. Tinta acrílica sobre tela colada em aglomerado, 55 x 39 cm. Acervo Casa-Ateliê Glênio Bianchetti. **25. Carlos Scliar.** *Frutas no prato*, 1987. Tinta vinílica e colagem encerasada sobre tela, 26 x 37 cm. Col. Emilio Kalil.

# CARLOS SCLiar

por Cildo Meireles\*

Conheci o Scliar em 1967 e, desde então, nos tornamos amigos. Além do grande artista, possuía todas as características de um bom amigo: apoiava os novos artistas generosamente, era uma pessoa solidária e companheira. Nos víamos com frequência, sua casa era onde encontrávamos, além de bons conselhos, uma mesa farta. Ele nos acolhia, comprava trabalhos meus e de colegas (Colares, Barrio, Luis Fonseca, Luiz Alphonsus e tantos outros) e nos conectava aos colecionadores, ajudando na nossa sobrevivência naquele momento. Já era um artista presente nas maiores coleções e, com excepcional companheirismo, tentava nos auxiliar em nosso caminho.

Seus desenhos são, para mim, uma fonte de aprendizado. Se fizéssemos uma genealogia do melhor desenho feito no Brasil, seguramente, o trabalho dele figuraria nela. Com sua obra, contribuiu extraordinariamente para a construção de nossa cultura. Excepcional artista gráfico, foi possuidor de uma infinita capacidade inventiva.

Comprometido com causas sociais e ambientais, nunca se furtou ao desafio de desempenhar seu papel neste debate. Tenho em mim as melhores recordações desse amigo e admirável artista do qual recebi inúmeras lições.

\* artista

# DANÚBIO GONÇALVES

por Anico Herskovits\*

Conheci o Danúbio em 1968, quando, com minha mãe, comecei a frequentar o Atelier Livre da Prefeitura nos altos do Mercado Público. Ele era o seu diretor e o professor de xilogravura, a única técnica que lá era oferecida. Já nessa época era um artista reconhecido com uma longa trajetória de viagens, exposições e prêmios pelo país, porém uma pessoa simples, afável e acessível.

Pelo Atelier circulavam jovens e nem tão jovens artistas, alunos, candidatos a artistas ou professores de arte de várias procedências, aos quais Danúbio acolhia sempre de braços e olhos abertos. Quando reconhecia num aluno algum talento, persistência ou curiosidade especial, costumava emprestar livros, revistas, catálogos. Debatia ideias, comentava exposições, era muito generoso.

Não se furtava de fazer a apresentação de seus jovens pupilos e, acho, com certo orgulho. Quando o Atelier Livre mudou-se para a Lobo da Costa, ganhou um espaço para uma pequena galeria. Com a indicação do Danúbio, ali se realizaram primeiras mostras individuais de muitos futuros artistas (inclusive a minha, em 1974), contando sempre com o texto afetivo do nosso mestre.

A imagem do Danúbio está para sempre ligada ao Atelier Livre, principalmente ao ensino e à difusão da litografia atual no RS. Ele foi um pesquisador curioso que retomou a técnica, abandonada nos primórdios do século XX, quando foi comercialmente substituída pelas gráficas off set. Como professor, nunca se recusou a transmitir seus conhecimentos e segredos. Era um homem de estatura mediana, compacta, atarracado, com um jeito engraçado, meio bamboleante de caminhar. A fala mansa, baixa, porém, não nos enganemos, sacudindo levemente a cabeça e colocando a mão sobre a boca, quantos comentários irônicos, sarcásticos, mordazes, principalmente ao comentar bienais ou exposições de arte conceitual ou afins.

Há alguns dias, nos reunimos num café, amigos e ex-alunos do Danúbio. Recordamos passagens engraçadas, polêmicas e aventuras do nosso querido mestre. Rendeu boas risadas e saudades do nosso professor e amigo. Combativo, polêmico, nestes tempos difíceis para a arte e a cultura, e, principalmente em face do desmonte do Atelier Livre, quanta falta ele faz...

\* artista e professora

# GLAUCO RODRIGUES

por Zeca Brito\*

Glauco Rodrigues foi um gaúcho de Bagé que reinventou o Brasil. Um dos arautos da modernidade sulista, desenhista e gravador do “Grupo de Bagé”, foi também grande pintor e um dos maiores ilustradores e designer gráfico do país. Na pintura, hoje encontra seu apogeu historiográfico no cenário internacional, com obras expostas recentemente na Bienal de Istambul, Tate Gallery e na École des Beux Arts de Paris. Elaborou um vocabulário que resgata a iconografia histórica e que recolhe todos os fragmentos esquecidos de passado e presente para escrever um alfabeto brasilianista e provocador.

No auge da ditadura militar, produziu suas mais expressivas pinturas de raiz crítica e política. O discurso não verbal, mas de potência visual, se expressa como mensagem ao futuro e pode também nos revelar o resultado de pactos sistêmicos. A causa, a raiz política e crítica, se potencializa em “camuflagem”. Glauco adentra na selva, se esconde entre penas e folhas de bananeira, mas é certeiro no tiro, na leitura da sociedade com que pactua.

O trânsito é questão fundamental para pensarmos a poética de Glauco. Trânsito que estabelece diálogos com a história e com o tempo, seja ele cronológico ou diacrônico. Um trânsito com idas e vindas, da cópia autodidata ao domínio do desenho de observação e perspectiva, de um Realismo Crítico para uma poética abstrata.

De artista figurativo negado pelos abstratos nos anos 1950 a artista abstrato consagrado na Bienal de Veneza em 64. De artista abstrato a artista pop, do Pop futurista ao Tropicalismo Crítico. Dos objetos infláveis aos mapas em madeira, das serigrafias aos objetos em acrílico. Da pintura de cavalete aos estandartes. O trânsito entre o fundo vazio e branco na ditadura e o fundo colorido e carnavalesco na democracia. O trânsito dentro de seu próprio repertório, palhetas e personagens, voltando a ser realista, abstrato, minimalista ou o que quisesse ser, como um antropófago de si.

\* cineasta

# GLÊNIO BIANCHETTI

por Marília Panitz\*

Um apartamento “brasiliense” (modernista): lugar onde, pela primeira vez, convivi com um artista em seu processo de trabalho. O atelier, na sala, recebia quem chegasse. Passei a frequentá-lo porque era colega de uma de suas filhas. Começávamos a universidade, no Departamento de Arte, do qual ele havia sido professor, no início dos anos 60 até o golpe. Ele se interessava por quem chegava, convidava a sentar e a observar. Que ato importante era vê-lo pintar. Depois desse tempo, fui professora na escola de arte que Ailema Bianchetti e outras duas sócias dirigiam. A partir daí, passamos a conviver (até hoje) com sua obra, seu legado, sua família e uma história que continua se desvelando dentro do atelier de sua casa, com seus quadros, suas gravuras, e os arquivos de seu percurso organizados por Ailema - documentos que nos permitem voltar a Bagé, ao início, ao aprendizado, ao grupo de artistas que deslocou o centro dos acontecimentos para a cidade das fazendas, perto da fronteira do Uruguai. De lá, os jovens Glênio Bianchetti, Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves e Glauco Rodrigues começaram a falar para o mundo. A gravura que se produziu a partir daí representa o pampa, o homem comum da região. Há uma convicção (em sintonia com os artistas modernistas de outros lugares do Brasil) de que essa é a função da arte. E esta convicção acompanha Glênio por todo o seu percurso.

De Bagé, muda-se para Porto Alegre e de lá a Curitiba e Brasília, onde ajuda Darcy Ribeiro a construir o sonho da universidade nova, na “cidade nova, síntese das artes”. O sonho coletivo se desfaz em poucos anos, mas se sustenta no embate com o material, na produção da obra do artista. Os anos 70 reúnem outra vez o grupo de Bagé. Em sua cidade natal, é realizado um encontro de artes plásticas, em que tomam parte vários artistas de todo o Brasil. Glênio traz uma série de croquis e obras em torno do homem do pampa. Mas a linguagem, embora guarde a estrutura das gravuras dos anos.

Brasília, em sua longa convivência com Bianchetti, foi incorporando, a seus espaços, as imagens produzidas por ele. Em prédios públicos, em coleções particulares, lá estão as representações do trabalho, com seu apelo épico, homem transformando a natureza. Ao seu lado, o jogo e a sensualidade, corpos distendidos, em repouso. E as paisagens da planície do pampa ao planalto central e a linha do mar, os horizontes retos, cortados pelos corpos e pelas árvores. O último trabalho de Glênio ficou inacabado. Dos traços que ficaram sobre a base da tela, adivinhamos as cores e gestos que viriam e que continuam dentro de nossos olhos.

\* crítica de arte e curadora independente



## CARLOS SCLIAR

1920 - 2001

Carlos Scliar nasceu em Santa Maria e foi, ainda pequeno, para Porto Alegre, onde, com 11 anos, colaborou com as seções infanto-juvenis de jornais locais. Em 1953, participou da exposição do Centenário Farroupilha e começou a frequentar o departamento gráfico da *Revista do Globo*. Foi um dos fundadores da Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em 1938. Em 1940, foi para São Paulo e começou a fazer parte do grupo Família Artística Paulista conhecendo pessoalmente diversos nomes do movimento moderno. Em 1944, foi para Itália a serviço da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial, quando desenhou muitas cenas e pessoas que o cercavam. Após um tempo no Brasil, o artista voltou à Europa, estabelecendo-se em Paris, onde firmou relações com os movimentos comunistas de defesa da paz. No final de 1950, em uma visita a Bagé, conheceu, através de Pedro Wayne, os artistas que formaram o Clube de Gravura de Bagé e o de Porto Alegre. Em 1955, voltou para o Rio de Janeiro, a convite de Vinícius de Moraes, para trabalhar na produção visual de Orfeu da Conceição. Entre 1958 e 1961, trabalhou como diretor artístico na revista *Senhor*. Depois desta data, dedicou-se prioritariamente à produção artística individual. Comprou, em 1964, um sobrado em Cabo Frio, RJ, onde morou e trabalhou por quarenta anos. O artista continuou firme com seu engajamento político; lutou contra a ditadura militar e manteve sempre a ideia de que sua arte deveria ser acessível a todos. No ano de seu falecimento, foi criado o Instituto Cultural Carlos Scliar, na cidade de Cabo Frio, e seu acervo se encontra atualmente tombado pela municipalidade.

Carlos Scliar  
*Marinha* (detalhe), 1975



## DANÚBIO GONÇALVES

1925 - 2019

Danúbio Gonçalves nasceu em Bagé, fazendo parte de uma tradicional família de estancieiros da campanha. Seu trisavô era o general Bento Gonçalves, um dos líderes da Revolução Farroupilha. Aos sete anos, partiu para o Rio de Janeiro com sua irmã, onde teve aulas no ateliê de Cândido Portinari, manteve contato com outros pintores modernistas e participou de diversas edições do Salão Nacional de Belas Artes, recebendo prêmios e menções honrosas. Em 1944, realizou sua primeira exposição, no Instituto de Belas Artes de Bagé, a qual tinha como temática a negritude carioca, sendo um sucesso em vendas. Sua segunda exposição, também em Bagé, em 1945, marca o momento em que Danúbio conheceu os escritores Clóvis Assumpção e Pedro Wayne, que, mais tarde, o apresentaram aos jovens Glênio Bianchetti e Glauco Rodrigues. Em 1950, foi estudar em Paris e ficou impactado com os movimentos surgentes na Europa do pós-guerra. Com um espírito imbuído dos ideais revolucionários e uma ligação com o Partido Comunista, Danúbio voltou ao Brasil e se juntou a Carlos Scliar, Glênio Bianchetti e Glauco Rodrigues, formando o *Clube de Gravura de Porto Alegre* e, posteriormente, o de Bagé. A partir de 1962, a convite do escultor Francisco Stockinger, passou a trabalhar no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, chegando a ser diretor. Lá, durante trinta anos ensinou litografia (técnica que aprendeu com Marcelo Grassmann, em 1962) e formou um grande número de artistas gravadores, atualmente reconhecidos no âmbito regional e nacional. O artista ainda deu aulas no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e continuou com seu hábito de viajar, inspirando diversas séries que foram exibidas principalmente em museus e galerias de Porto Alegre e no interior do estado do Rio Grande do Sul.

*Danúbio*



## GLAUCO RODRIGUES

1929 - 2004

Glauco Rodrigues nasceu em Bagé e foi colega de escola de Glênio Bianchetti, com quem dividiu o interesse pela pintura. Foi aos 16 anos que pintou seu primeiro quadro, uma cópia de um cartão-postal representando um moinho ao pôr-do-sol. Recebeu ensinamentos sobre pintura de José Moraes e, em 1948, participou da exposição coletiva no auditório do jornal *Correio do Povo*. Aproximou-se da gravura e, junto com Glênio, Danúbio e Scliar fundou, em 1951, o *Clube de Gravura de Bagé* e iniciaram suas viagens de estudos a estâncias da região. Com a união do clube de Bagé ao de Porto Alegre, Glauco mudou-se para a capital gaúcha e, depois, em 1958, seguiu para o Rio de Janeiro. Nesse momento, Rodrigues participou de sua primeira Bienal de São Paulo, entrou na equipe da revista *Senhor* e começou a sua produção abstrata, que perdurou por 10 anos. Em 1962, viajou a Roma a convite do embaixador Hugo Gounthier para trabalhar no setor gráfico da embaixada brasileira, e ficou alguns anos na Itália. Viajou, expôs no exterior e participou da delegação brasileira na Bienal de Veneza (1964), no mesmo ano em que os estadunidenses chamaram atenção pela sua produção pop. Retornou ao Brasil em 1966 e, aos poucos, a figuração voltou à sua obra, que seguiu até a sua morte. Há trabalhos seus em diversos acervos do Brasil, como Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes e Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Glauco R. Rodrigues



# GLÊNIO BIANCHETTI

1928 - 2014

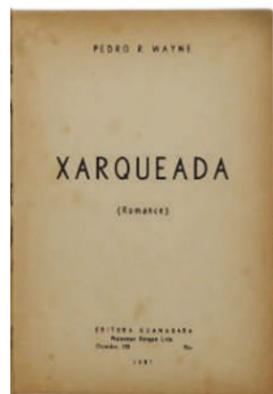
Glênio Bianchetti nasceu em Bagé, oriundo de uma família ligada ao comércio na cidade. Foi a mãe de sua namorada, Ailema, que passou ensinamentos iniciais de pintura para ele e Glauco Rodrigues, que depois foram aperfeiçoados com a chegada de José Moraes a Bagé. Foi um dos participantes da exposição de 1948 no Auditório do Correio do Povo e, interessado pela pintura, ingressou no Instituto de Belas Artes em Porto Alegre no ano seguinte – mas não chegou a finalizar o curso. Fundou, em 1951, ao lado de Glauco Rodrigues, Danúbio Gonçalves e Carlos Scliar, o *Clube de Gravura de Bagé*, tendo Bianchetti a maior produção de gravuras da época. Na década de 1960, mudou-se com sua família para Brasília (cidade onde viveu o resto de sua vida), devido ao convite de Darcy Ribeiro para lecionar na recém-inaugurada Universidade de Brasília. Deu aulas sobre desenho e pintura entre 1962 e 1965, quando foi afastado devido à ditadura militar, sendo reintegrado apenas em 1988. Com sua estadia na nova capital do país, sua pintura é influenciada pela luz local e sua produção ganha vitalidade e cor, sendo essa uma de suas características permanentes. Em Brasília, ajudou na criação do Museu de Arte da cidade e é muito reconhecido, tendo obras em diversas coleções públicas, como no Palácio do Itamaraty e no acervo da Câmara dos Deputados. Atualmente, sua casa-ateliê, com seu grande acervo, é mantida por sua família.

*G. Bianchetti.*

# CRONOLOGIA

## 1937

Lançamento do livro *Xarqueada*, de Pedro Wayne.



1

## 1944

Carlos Scliar parte para a Itália para se integrar ao Segundo Escalão da Força Expedicionária Brasileira.



2

## 1946

Começa a se organizar, em volta de Pedro Wayne, um grupo de interessados por pintura e arte, sendo eles: Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti, Clóvis Chagas e Danúbio Gonçalves. Esporadicamente, Carlos Scliar faz visitas ao grupo.

O pintor carioca José Moraes ganha um prêmio oferecido pela Academia Nacional de Belas Artes, e viaja para a cidade de Bagé.

## 1947

Os artistas passam a ocupar os fundos de uma casa comercial na região central da cidade de Bagé. Foi nesse ano que Deny Bonorino, natural de Itaqui, RS, naquela altura com apenas 13 anos de idade, se aproximou do Grupo de Bagé.

1. 1ª edição do livro *Xarqueada*, publicado pela Editora Guanabara em 1937
2. Pedro Wayne. "Montparnasse" em Bagé. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26 out. 1946

## 1948

Montagem do ateliê coletivo do *Grupo de Bagé*, em uma região central da cidade, na Rua Sete de Setembro, próximo à Catedral. Esse local passa a ser ponto de encontro para vários artistas e intelectuais da cidade, como Pedro e Ernesto Wayne, Ernesto Costa, Clóvis Assumpção e Jacy Maraschim.

Ocorre a exposição *Novos de Bagé*, na sede do jornal *Correio do Povo*, em Porto Alegre.

Carlos Scliar e Vasco Prado participam do I Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz, em Wroclaw, na Polônia. Esse fato foi importante, pois colocou os artistas em contato com o realismo social.



3

## 1949

Glauco Rodrigues viaja para o Rio de Janeiro e Danúbio Gonçalves viaja para a Europa.

## 1950

Criação do *Clube de Gravura de Porto Alegre* (fundado com o nome de *Clube dos Amigos da Gravura*), por Vasco Prado e Carlos Scliar. Logo, outros artistas se vincularam ao Clube, entre eles: Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti e Danúbio Gonçalves.

## 1951

Criação do *Clube de Gravura de Bagé*, reunindo artistas como Danúbio Gonçalves, Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti e Deny Bonorino.

Criação da *Escolinha de Arte*, pelo *Clube de Gravura de Bagé*, dirigido por Bianchetti e com auxílio das professoras Ceres Lemos e Amélia Coronel.



4

3. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 out. 1948
4. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 4 maio 1951

## 1952

Primeira exposição dos clubes de gravura de Porto Alegre e Bagé, na Biblioteca Pública de São Paulo.

Incorporação do *Clube de Gravura de Bagé* ao de Porto Alegre.

Lançamento do álbum *Gravuras Gaúchas*, do *Clube de Gravura de Porto Alegre*, prefaciado por Jorge Amado.

## 1953

Criação da série *Xarqueada*, de Danúbio Gonçalves.

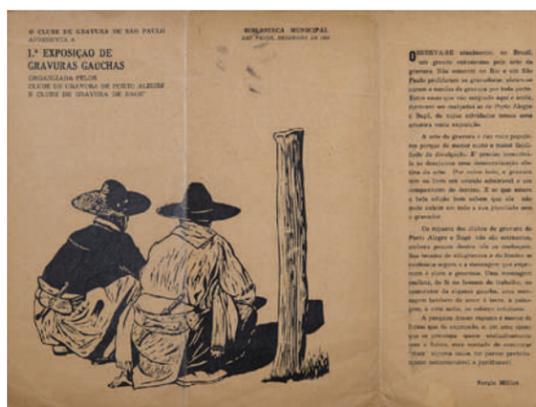
Participação de Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves e Glauco Rodrigues na delegação de artistas que visitou a União Soviética em novembro, com o objetivo de entrar em contato com manifestações artísticas e o pensamento cultural soviéticos.

## 1956

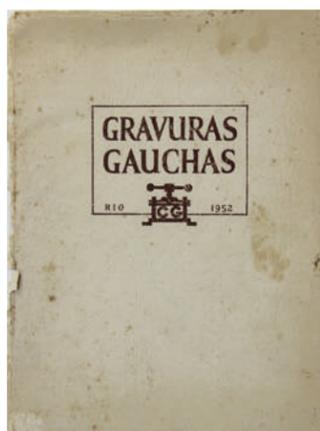
Criação da série *Mineiros de Butiá*, de Danúbio Gonçalves.

Carlos Scliar se muda para o Rio de Janeiro.

Encerram-se as atividades do *Clube de Gravura de Porto Alegre*.



5



6



7



8

5. Folder da primeira exposição dos clubes de gravura de Porto Alegre e Bagé, na Biblioteca Pública de São Paulo, 1952

6. Capa do álbum *Gravuras Gaúchas*, 1952. Col. Dalacorte

7. Gravura da série *Xarqueada*, de Danúbio Gonçalves. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp

8. Gravura da série *Mineiros de Butiá*, de Danúbio Gonçalves. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão - RS, 2014

9. Capas da revista *Senhor*, ilustradas por Carlos Scliar e Glauco Rodrigues, respectivamente. Col. Instituto Cultural Carlos Scliar

10. Carlos Scliar em Ouro Preto, pintando, sem data. Col. Instituto Cultural Carlos Scliar

## 1959

Carlos Scliar inicia seu trabalho na revista *Senhor*, como diretor do departamento de arte.



9

## 1960

Glauco Rodrigues inicia seu trabalho na revista *Senhor*.

## 1961

Glauco Rodrigues viaja para Roma, onde viverá por alguns anos.

## 1962

Glênio Bianchetti se muda para Brasília, a convite de Darcy Ribeiro, para lecionar na Universidade de Brasília.

## 1963

Danúbio Gonçalves torna-se professor de litogravura no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre.

## 1964

Glênio Bianchetti é afastado do cargo de professor na UnB, devido à perseguição política.

Glauco Rodrigues visita a Bienal de Veneza e se impacta com a produção estadunidense de arte pop.

## 1965

Carlos Scliar reforma o casarão em Cabo Frio, onde viveu e fez seu ateliê, sendo atualmente sede do seu instituto.

Scliar divide seu tempo de trabalho entre Cabo Frio e Ouro Preto.



10

## 1966

Glauco Rodrigues retorna ao Brasil e vive no Rio de Janeiro.

1969

Publicado o *Caderno de Guerra de Carlos Scliar*, com os desenhos produzidos pelo artista durante a campanha italiana da Força Expedicionária Brasileira.



11

1976

I Encontro Nacional de Artistas Plásticos, reunindo o Grupo na cidade de Bagé por vinte dias, juntamente com outros artistas convidados.



12

1982

Danúbio Gonçalves viaja ao Marrocos, realizando diversos desenhos e gravuras inspiradas no local.



13

1984

Danúbio Gonçalves participa da fundação do Núcleo de Gravura do Rio Grande do Sul.



14

1985

Glauco realiza aquarelas de paisagens gaúchas para a abertura e as vinhetas da minissérie *O tempo e o vento*.

1988

Glênio Bianchetti é reintegrado aos quadros da UnB e volta a lecionar.

2001

Morte de Carlos Scliar.

Cria-se o Instituto Cultural Carlos Scliar em sua casa-ateliê, em Cabo Frio, RJ.

11. *Caderno de Guerra de Carlos Scliar*, 1969
12. É difícil chegar às estâncias de Bagé. *Zero Hora*, Porto Alegre, 8 jan. 1976. Acervo Museu da Comunicação Hipólito José da Costa
13. Desenho realizado por Danúbio Gonçalves na sua viagem à Tânger. Col. Sandra Gonçalves
14. Aquarela de Glauco Rodrigues. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986
15. Capa do documentário *Bianchetti*, 2010
16. Cartaz do documentário *Danúbio*, 2010
17. Cartaz do documentário *Glauco do Brasil*, 2015
18. Cartaz do documentário *Grupo de Bagé*, 2018

2004

Morte de Glauco Rodrigues.

2010

Lançamento do documentário *Bianchetti*, dirigido por Renato Barbieri.



15

Lançamento do documentário *Danúbio*, dirigido por Henrique de Freitas Lima.



16

2011

Glênio Bianchetti produz a obra *Via Sacra*, que está exposta na capela da Vila de Santa Thereza, em Bagé.



17

2014

Morte de Glênio Bianchetti.

2015

Lançamento do documentário sobre Glauco Rodrigues, com o título *Glauco do Brasil*, sob direção de Zeca Brito.

2018

Lançamento do documentário *Grupo de Bagé*, dirigido por Zeca Brito.



18

2019

Morte de Danúbio Gonçalves.

# OBRAS DA EXPOSIÇÃO



1



2



3



4



5



6



7



8



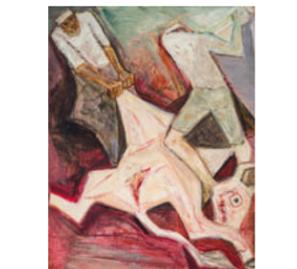
9



10



11



12



13



14



15



16

**1. Danúbio Gonçalves.** Capa do álbum *Série Xarqueada*, 2000. Serigrafia, 28 x 38 cm. Col. Sandra Gonçalves. **2. Danúbio Gonçalves.** *Zorrieiros*, da série *Xarqueada*, 1953. Xilogravura, 18 x 24,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **3. Danúbio Gonçalves.** *Carneadores*, da série *Xarqueada*, c.1953. Xilogravura, 19 x 24,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **4. Danúbio Gonçalves.** *Matambreiros*, da série *Xarqueada*, 1952-1976. Serigrafia, 20,5 x 23,3 cm. Cortesia Galeria Espaço Cultural Duque. **5. Danúbio Gonçalves.** *Espera*, da série *Xarqueada*, 1952. Xilogravura, 20 x 20 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **6. Danúbio Gonçalves.** *Tirador de carretilha*, da série *Xarqueada*, 1952. Xilogravura, 17 x 26,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **7. Danúbio Gonçalves.** *Zorra*, da série *Xarqueada*, 1952. Xilogravura, 20 x 27 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **8. Danúbio Gonçalves.** *Picador*, da série *Xarqueada*, 1953-2000. Serigrafia, 18 x 20 cm. Col. Sandra Gonçalves. **9. Danúbio Gonçalves.** *Manteiro*, da série *Xarqueada*, 1953. Xilogravura, 19 x 21 cm. Col. Sandra Gonçalves. **10. Danúbio Gonçalves.** *Lingueiro "Xarqueada"*, 1953. Xilogravura sobre papel, 21 x 24 cm. Col. Sandra Gonçalves. **11. Danúbio Gonçalves.** *Salga*, da série *Xarqueada*, 1953. Xilogravura, 15,7 x 20,7 cm. Cortesia Galeria Espaço Cultural Duque. **12. Danúbio Gonçalves.** *Carneadores*, 1960. Tinta vinílica encerada sobre tela colada em aglomerado, 65 x 51 cm. Col. Sandra Gonçalves. **13. Danúbio Gonçalves.** Sem título, 1954. Xilogravura, 20,1 x 25,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão - RS, 2014. **14. Danúbio Gonçalves.** *Juntando o carvão*, da série *Mineiros do Butiá*, 1959. Xilogravura, 20 x 26,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **15. Danúbio Gonçalves.** Sem título, da série *Mineiros do Butiá*, 1959. Xilogravura, 21,5 x 19,3 cm. Col. Dalacorte. **16. Danúbio Gonçalves.** Sem título, da série *Mineiros do Butiá*, 1959. Xilogravura em duas cores, 18,3 x 20,5 cm. Col. Dalacorte.



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34



35



36



37



38



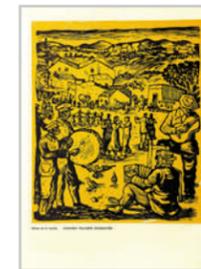
39



40



41



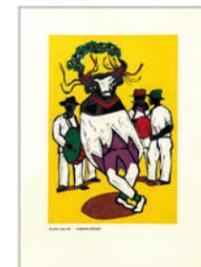
42



43



44



45



46



47



48

17. Danúbio Gonçalves. *Mineiros do Butiá*, 1959. Xilogravura em duas cores, 26,5 x 19,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 18. Danúbio Gonçalves. *Mineiros do Butiá*, 1956. Xilogravura, 25,5 x 18 cm. Col. Sandra Gonçalves. 19. Danúbio Gonçalves. *Carvão e suor*, sem data. Xilogravura, 24 x 32,8 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. 20. Danúbio Gonçalves. Sem título, da série *Mineiros do Butiá*, 1959. Xilogravura, 19 x 21,2 cm. Col. Dalacorte. 21. Danúbio Gonçalves. Sem título, da série *Mineiros do Butiá*, 1959. Xilogravura, 19,5 x 25 cm. Col. Dalacorte. 22. Danúbio Gonçalves. Sem título, da série *Mineiros do Butiá*, 1959. Xilogravura, 20,5 x 27 cm. Col. Dalacorte. 23. Danúbio Gonçalves. *Guris da Peneira*, da série *Mineiros do Butiá*, 1959. Xilogravura, 20,1 x 26 cm. Col. Dalacorte. 24. Danúbio Gonçalves. Sem título, 1959. Xilogravura em duas cores, 25 x 19,5 cm. Col. Dalacorte. 25. Danúbio Gonçalves. Estudo para gravura, 1956. Grafite, nanquim e aquarela sobre papel, 21,3 x 29,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. 26. Danúbio Gonçalves. Estudo para gravura, sem data. Grafite e nanquim sobre papel, 20,6 x 24,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. 27. Danúbio Gonçalves. *Carvão e suor*, 1956. Óleo sobre tela colada em aglomerado, 59 x 72 cm. Col. Sandra Gonçalves. 28. Danúbio Gonçalves. *Descanso para o café*, 1956. Óleo sobre tela, 73 x 89 cm. Col. Sandra Gonçalves. 29. Carlos Scliar. *Lila Ripoll*, 1953. Linoleogravura, 23,2 x 20,3 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação do artista, 1994. 30. Carlos Scliar. Sem título, 1974. Linóleo e pochoir, 20,5 x 21 cm. Col. Dalacorte. 31. Carlos Scliar. Sem título, 1974. Linóleo e pochoir, 22,5 x 18 cm. Col. Dalacorte. 32. Carlos Scliar. *Cartaz da exposição "A gravura através dos tempos"*, 1955. Serigrafia, 41,3 x 40,5 cm. Col. Dalacorte.

33. Carlos Scliar. *Edição comemorativa do 1.º aniversário do Manifesto de Agosto, do Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional*, 1951. Xilogravura, 22 x 32,6 cm. Col. Dalacorte. 34. Carlos Scliar. *Bumba meu boi (edição do Clube de Gravura de Porto Alegre para o programa do "Recital de Música Folclórica Brasileira")*, 1950. Linoleogravura a 5 cores, 23 x 16 cm. Col. Dalacorte. 35. Folder da 1.ª exposição do Clube de Gravura na Biblioteca Pública de São Paulo, 1952. 22 x 33 cm. Col. Dalacorte. 36 a 46. Páginas selecionadas do álbum *Gravuras Gaúchas*, 1952. Col. Dalacorte. 47. Glauco Rodrigues. 1.ª Série, 1951. Linoleogravura, 14 x 28,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 48. Carlos Scliar. 1.ª Série, 1951. Linoleogravura, 14 x 28,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp.



49



50



51



52



53



54



55



56



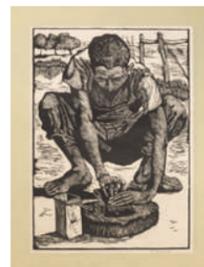
57



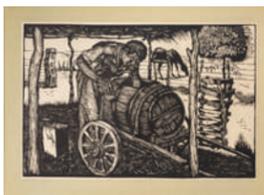
58



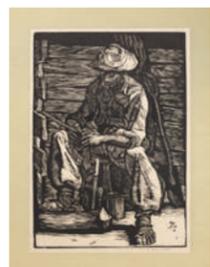
59



60



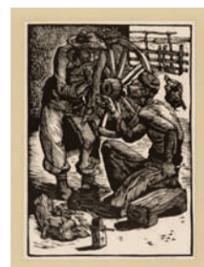
61



62



63



64

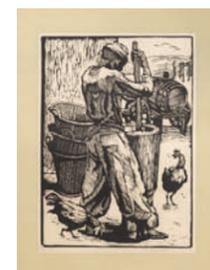
**49. Danúbio Gonçalves. 1.ª Série, 1951.** Xilogravura, 14,5 x 14,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **50. Glênio Bianchetti. 1.ª Série, 1951.** Xilogravura, 27,5 x 21,5 cm. Col. Particular. **51. Glênio Bianchetti. 1.ª Série Pequena Olaria, 1951.** Xilogravura, 17,5 x 25,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **52. Glênio Bianchetti. Almoço, 1955.** Linoleogravura, 47 x 69,9 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação do artista, 1994. **53. Glênio Bianchetti. Flores, 1952.** Linoleogravura, 26 x 21,1 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação do artista, 1994. **54. Glênio Bianchetti. Fim de jornada, 1955.** Linoleogravura e pochoir a cores, 50,5 x 79,2 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação do artista, 1995. **55. Glênio Bianchetti. Sem título, 1952.** Xilogravura, 29,7 x 21 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **56. Glênio Bianchetti. Sem título, 1952.** Xilogravura, 23,5 x 27 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **57. Glênio Bianchetti. Sem título, 1952.** Xilogravura, 30,5 x 24,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **58. Glênio Bianchetti. Sem título, 1952.** Xilogravura, 25,5 x 21 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **59. Glênio Bianchetti. Velha, 1951.** Xilogravura, 22,1 x 15,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **60. Glênio Bianchetti. Afiação do machado, 1956.** Linoleogravura, 31,2 x 22,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **61. Glênio Bianchetti. Água de pipa, 1956.** Linoleogravura, 27,2 x 40,4 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **62. Glênio Bianchetti. Trançado, 1955.** Linoleogravura, 31,1 x 22,1 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **63. Glênio Bianchetti. Sesta, 1955.** Linoleogravura, 27,2 x 40,4 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **64. Glênio Bianchetti. Acendendo o palheiro, 1955.** Linoleogravura, 31 x 22,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp.



65



66



67



68



69



70



71



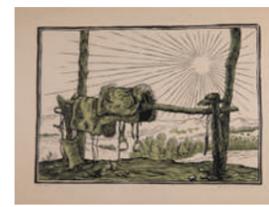
72



73



74



75



76



77



78



79



80

**65. Glênio Bianchetti. Sem título, sem data.** Xilogravura, 26 x 21 cm. Col. Dalacorte. **66. Glênio Bianchetti. Pilão, década de 1960.** Óleo sobre madeira, 217 x 158 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **67. Glênio Bianchetti. Pilão, 1955.** Linoleogravura, 31 x 22 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **68. Carlos Scliar. Carreta e carroça no galpão, 1956.** Camaieiro, 31,2 x 46,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **69. Carlos Scliar. Porteira, 1955.** Xilogravura e camaieiro, 32,4 x 46 cm. Col. Dalacorte. **70. Carlos Scliar. Sesta, 1955.** Linóleo e camaieiro, 31 x 46 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **71. Carlos Scliar. Sesta I, 1974.** Linóleo e pochoir, 28 x 43,5 cm. Col. Dalacorte. **72. Carlos Scliar. Estância: Sesta II, 1954.** Linóleo e pochoir sobre papel, 28,4 x 43 cm. Col. particular. **73. Carlos Scliar. Sesta IV, 1955.** Linoleogravura e pochoir a cores, 45,5 x 61 cm. Col. Dalacorte. **74. Glaucio Rodrigues. Do campo de futebol, 1952.** Linoleogravura, 24 x 20 cm. Col. Dalacorte. **75. Glaucio Rodrigues. Paisagem gaúcha, 1954.** Linoleogravura, 24 x 33,5 cm. Col. Dalacorte. **76. Danúbio Gonçalves. Têmpera, 1975.** Linoleogravura, 20 x 27 cm. Col. Sandra Gonçalves. **77. Danúbio Gonçalves. Memorial. Ilustração original feita para o jornal Ecoarte, 1995.** Tinta hidrocor, nanquim e corretivo branco sobre papel, 28 x 38 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **78. Carlos Scliar. Sem título, 1955.** Grafite sobre papel, 32 x 48 cm. Acervo da Pinacoteca de São Paulo. Doação de Emanuel Araujo, 1993. **79. Carlos Scliar. Galpão, 1955.** Grafite sobre papel, 32 x 48 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação de Emanuel Araujo, 1993. **80. Carlos Scliar. Fazenda, 1955.** Guache sobre papel, 32 x 63 cm. Pinacoteca Aldo Locatelli.



81



82



83



84



85



86



87



88



89



90



91



92



93



94



95



96

81. Glênio Bianchetti. Galos e galinhas, 1952. Óleo sobre tela, 46 x 38 cm. Acervo Casa-Ateliê Glênio Bianchetti. 82. Glauco Rodrigues. Estudo de cavalos, 1953. Guache sobre papel, 27 x 43 cm. Col. particular. 83. Glauco Rodrigues. Casario, 1948. Óleo sobre aglomerado, 45 x 36 cm. Col. Fundacred. 84. Carlos Scliar. Banca e lareira cambonas, 1976. Tinta vinílica encerada sobre tela, 55 x 75 cm. Col. Fundacred. 85. Carlos Scliar. Paisagem, 1976. Tinta vinílica encerada sobre tela, 55 x 75 cm. Col. Fundacred. 86. Carlos Scliar. Jovem oleiro, 1976. Tinta vinílica encerada sobre tela, 75 x 95 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. 87. Carlos Scliar. Cavalete com arreios e banquinho, 1976. Tinta vinílica encerada sobre tela, 75 x 95 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. 88. Danúbio Gonçalves. Umbu, 1976. Óleo sobre tela, 70 x 64 cm. Col. Fundacred. 89. Danúbio Gonçalves. Agregado, 1976. Tinta acrílica sobre tela, 59 x 88 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. 90. Glênio Bianchetti. Os girassóis, 1976. Tinta acrílica sobre tela colada em madeira, 40 x 54 cm. Col. Fundacred. 91. Glênio Bianchetti. Cabeça de cavalo, 1976. Tinta acrílica sobre tela colada em madeira, 40 x 54 cm. Col. Fundacred. 92. Glauco Rodrigues. Boleadora e ferradura, 1976. Óleo sobre tela colada em aglomerado, 54 x 74,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1982. 93. Glauco Rodrigues. Dois ginetes, 1976. Serigrafia, 38 x 56 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 94. Glauco Rodrigues. Mate amargo, 1976. Serigrafia, 38 x 56 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 95. Glauco Rodrigues. Três ginetes, 1976. Serigrafia, 38 x 56 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 96. Glauco Rodrigues. Cancha reta, 1976. Serigrafia, 38 x 56 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp.



97



98



99



100



101



102



103



104



105



106



107



108



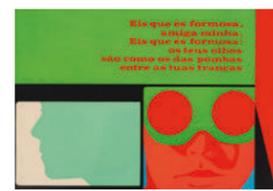
109



110



111



112

97. Glauco Rodrigues. Amadrinhando, 1976. Serigrafia, 38 x 56 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 98. Glauco Rodrigues. Desabotoando o buçal, 1976. Serigrafia, 38 x 56 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 99. Glauco Rodrigues. Preparando para laçar, 1976. Serigrafia, 38 x 56 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 100. Glauco Rodrigues. Escapou o laço, 1976. Serigrafia, 38 x 56 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 101. Glauco Rodrigues. Da minissérie: O tempo e o vento, 1985. Aquarela sobre papel, 55 x 76 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. 102. Glauco Rodrigues. Da minissérie: O tempo e o vento, 1985. Aquarela sobre papel, 55 x 76,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. 103. Glauco Rodrigues. Da minissérie: O tempo e o vento, 1985. Aquarela sobre papel, 54,5 x 77 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. 104. Glauco Rodrigues. Da minissérie: O tempo e o vento, 1985. Aquarela sobre papel, 36 x 55,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. 105. Glauco Rodrigues. Da minissérie: O tempo e o vento, 1985. Aquarela sobre papel, 27,5 x 38,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. 106. Glauco Rodrigues. Da minissérie: O tempo e o vento, 1985. Aquarela sobre papel, 37,5 x 55,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. 107. Glauco Rodrigues. Da minissérie: O tempo e o vento, 1985. Aquarela sobre papel, 51,5 x 74,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. 108. Glauco Rodrigues. Da minissérie: O tempo e o vento, 1985. Aquarela sobre papel, 54,5 x 76,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. 109. Glauco Rodrigues. Da minissérie: O tempo e o vento, 1985. Aquarela sobre papel, 54,5 x 77 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. 110. Carlos Scliar. Homenagem a Érico, 1975. Tinta vinílica encerada sobre aglomerado, 56 x 37 cm. Col. particular. 111. Glauco Rodrigues. Cântico dos Cânticos do Rei Salomão, 1967. Serigrafia, 31,5 x 46,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 112. Glauco Rodrigues. Cântico dos Cânticos do Rei Salomão, 1967. Serigrafia, 31,5 x 46,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp.



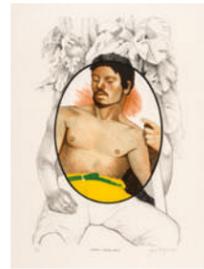
113



114



115



116



117



118



119



120



121



122



123



124



125



126



127



128



129



130



131



132



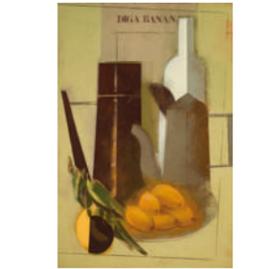
133



134



135



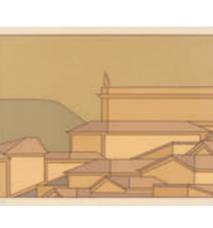
136



137



138



139



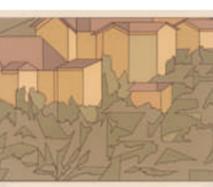
140



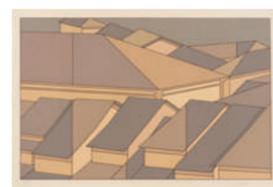
141



142



143



144

**113. Glauco Rodrigues.** *Cântico dos Cânticos do Rei Salomão*, 1967. Serigrafia, 31,5 x 46,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp.  
**114. Glauco Rodrigues.** *Cântico dos Cânticos do Rei Salomão*, 1967. Serigrafia, 31,5 x 46,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp.  
**115. Glauco Rodrigues.** *Cântico dos Cânticos do Rei Salomão*, 1967. Serigrafia, 31,5 x 46,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp.  
**116. Glauco Rodrigues.** *D'après Almeida Junior*, 1979. Litografia, 59,5 x 37,8 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **117. Glauco Rodrigues.** *Um metro quadrado de verde é mais verde do que dez centímetros quadrados do mesmo verde*, 1989. Tinta acrílica sobre tela, 146 x 114 cm. Col. Zeca Brito. **118. Glauco Rodrigues.** *Oxosse*, 1981. Litografia, 50 x 50 cm. Col. Zeca Brito. **119. Glauco Rodrigues.** *São Sebastião de Bagé, amarelo e azul, da série Visão da terra*, 1977. Tinta acrílica sobre tela colada em aglomerado, 55 x 46 cm. Col. Renato Rosa. **120. Glauco Rodrigues.** *São Sebastião, padroeiro de Bagé e do Rio de Janeiro*, 1999. Tinta acrílica sobre tela, 45 x 55 cm. Col. Marilu da Luz. **121. Glauco Rodrigues.** *Tangerina, pêra e uvas*, 1996. Tinta acrílica sobre tela, 46 x 54 cm. Col. particular. **122. Glauco Rodrigues.** *Paisagem identificável*, 1994. Tinta acrílica sobre tela, 54 x 65 cm. Col. particular. **123. Glauco Rodrigues.** *Tradição, passado e presente*, 1997. Serigrafia, 21,1 x 64 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **124. Glauco Rodrigues.** *Paisagem do Rio Grande do Sul (Homenagem à Pedro Weingärtner)*, 1999. Tinta acrílica sobre tela, 40 x 100 cm. Col. particular. **125. Glauco Rodrigues.** *Paisagem imaginária*, 1984. Aquarela sobre papel, 26 x 37 cm. Col. particular. **126. Glauco Rodrigues.** *Vida de campo*, 1981. Aquarela sobre papel, 38,5 x 55,5 cm. Col. Tiago Thume. **127. Glauco Rodrigues.** *Um dia de verão - Pau Brasil*, 1976. Tinta vinílica sobre tela colada em madeira, 73 x 60 cm. Col. Fundacred. **128. Glauco Rodrigues.** *Terça-feira, 28 de abril de 1500*, 1971. Grafite e tinta acrílica sobre tela colada em aglomerado, 75 x 80 cm. Col. particular.

**129. Glauco Rodrigues.** *Ícaro*, 1987. Litografia, 47 x 65 cm. Col. Tiago Thume. **130. Carlos Scliar.** *Natureza-morta com diversos objetos e colagens*, 1991. Tinta vinílica e colagem encerados sobre tela, 69 x 103,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. **131. Carlos Scliar.** *F de flores*, 1971. Tinta vinílica encerada sobre tela, 75 x 55 cm. Col. Instituto Cultural Carlos Scliar. **132. Carlos Scliar.** *Frutas no prato*, 1987. Tinta vinílica e colagem enceradas sobre tela, 26 x 37 cm. Col. Emilio Kalil. **133. Carlos Scliar.** *Maçãs*, 1978. Tinta vinílica e colagem enceradas sobre tela, 26 x 37 cm. Col. Emilio Kalil. **134. Carlos Scliar.** *Frutas no prato*, 1987. Tinta vinílica e colagem enceradas sobre tela, 26 x 37 cm. Col. Emilio Kalil. **135. Carlos Scliar.** *Beringelas e bananas no prato*, 1988. Tinta vinílica e colagem enceradas sobre tela, 26,3 x 37 cm. Col. Emilio Kalil. **136. Carlos Scliar.** *Diga Banana*, 1975. Tinta vinílica encerada sobre aglomerado, 56 x 37 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **137. Carlos Scliar.** *E agora a laranja*, 1975. Vinil encerado sobre tela, 37 x 26 cm. Col. Instituto Cultural Carlos Scliar. **138. Carlos Scliar.** *E tomates também*, 1975. Tinta vinílica encerada sobre tela, 26 x 36 cm. Col. Instituto Cultural Carlos Scliar. **139. Carlos Scliar.** *Telhados de Ouro Preto*, 1977. Serigrafia, 36 x 55,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **140. Carlos Scliar.** *Telhados de Ouro Preto*, 1977. Serigrafia, 36 x 55,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **141. Carlos Scliar.** *Telhados de Ouro Preto*, 1977. Serigrafia, 36 x 55,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **142. Carlos Scliar.** *Telhados de Ouro Preto*, 1977. Serigrafia, 36 x 55,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **143. Carlos Scliar.** *Telhados de Ouro Preto*, 1977. Serigrafia, 36 x 55,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **144. Carlos Scliar.** *Telhados de Ouro Preto*, 1977. Serigrafia, 36 x 55,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp.



145



146



147



148



149



150



151



152



153



154



155



156



157



158



159



160



161



162



163



164



165



166



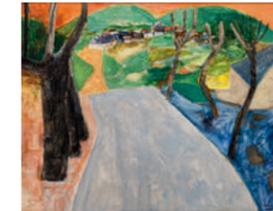
167



168



169



170



171



172



173



174



175



176

**145. Carlos Scliar.** *Telhados de Ouro Preto*, 1977. Serigrafia, 36 x 55,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **146. Carlos Scliar.** *Telhados de Ouro Preto*, 1977. Serigrafia, 36 x 55,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **147. Carlos Scliar.** *Telhados de Ouro Preto*, 1977. Serigrafia, 36 x 55,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **148. Carlos Scliar.** *Telhados de Ouro Preto*, 1977. Serigrafia, 36 x 55,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **149. Carlos Scliar.** *Marinha*, 1975. Tinta vinílica encerada sobre tela, 26 x 37 cm. Col. Emilio Kalil. **150. Glênio Bianchetti.** *Paisagem*, 1990. Tinta acrílica sobre tela, 55 x 76 cm. Acervo Casa-Ateliê Glênio Bianchetti. **151. Glênio Bianchetti.** *Mesa com melancias*, 1993. Tinta acrílica sobre tela colada em aglomerado, 110 x 160 cm. Acervo Casa-Ateliê Glênio Bianchetti. **152. Glênio Bianchetti.** *Mesa com natureza-morta*, 1967. Tinta acrílica sobre tela, 74 x 57 cm. Acervo Casa-Ateliê Glênio Bianchetti. **153. Glênio Bianchetti.** *Descanso*, 2000. Tinta acrílica sobre tela colada em aglomerado, 55 x 39 cm. Acervo Casa-Ateliê Glênio Bianchetti. **154. Glênio Bianchetti.** *Violências*, 1977. Tinta acrílica sobre tela, 76 x 55 cm. Acervo Casa-Ateliê Glênio Bianchetti. **155. Glênio Bianchetti.** *Pêras sobre toalha*, 1997. Tinta acrílica sobre tela, 26 x 38 cm. Acervo Casa-Ateliê Glênio Bianchetti. **156. Glênio Bianchetti.** *Alhos*, 1981. Tinta acrílica sobre tela, 26 x 24 cm. Acervo Casa-Ateliê Glênio Bianchetti. **157. Glênio Bianchetti.** *Bananas*, 2011. Tinta acrílica sobre tela, 27 x 39 cm. Acervo Casa-Ateliê Glênio Bianchetti. **158. Glênio Bianchetti.** *Paranoá*, 1990. Tinta acrílica sobre tela, 40 x 54 cm. Acervo Casa-Ateliê Glênio Bianchetti. **159. Glênio Bianchetti.** *Homem no cavalo branco*, 2011. Tinta acrílica sobre tela, 160 x 110 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2006. **160. Danúbio Gonçalves.** *Salam Alikum*, 1982. Litografia, 52,5 x 37,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da artista, s.d.

**161. Danúbio Gonçalves.** *Couple*, 1982. Litografia, 36,7 x 51,5 cm. Col. Sandra Gonçalves. **162. Danúbio Gonçalves.** *Mercado*, 1982. Grafite e aquarela sobre papel, 20 x 15 cm. Col. Sandra Gonçalves. **163. Danúbio Gonçalves.** Sem título, 1982. Grafite e aquarela sobre papel, 20 x 15 cm. Col. Sandra Gonçalves. **164. Danúbio Gonçalves.** *Mercado*, 1982. Grafite e aquarela sobre papel, 20 x 15 cm. Col. Sandra Gonçalves. **165. Danúbio Gonçalves.** *Camponesas do RIF*, 1982. Grafite e aquarela sobre papel, 20 x 15 cm. Col. Sandra Gonçalves. **166. Danúbio Gonçalves.** *Cena religiosa*, 1960. Óleo sobre tela colada em aglomerado, 104 x 126 cm. Col. Sandra Gonçalves. **167. Danúbio Gonçalves.** *Candomblé*, 1960. Óleo sobre aglomerado, 63 x 93 cm. Col. Particular. **168. Danúbio Gonçalves.** *Mãe de santo*, 1960. Tinta vinílica encerada sobre tela colada em aglomerado, 64 x 50 cm. Col. Sandra Gonçalves. **169. Danúbio Gonçalves.** *Varal*, 1964. Pintura sobre aglomerado, 85 x 59 cm. Col. particular. **170. Danúbio Gonçalves.** *Paisagem*, 1964. Óleo e resina damar sobre aglomerado, 48 x 60 cm. Col. Sandra Gonçalves. **171. Danúbio Gonçalves.** *Forneira*, 1965. Óleo e resina damar sobre aglomerado, 49 x 61 cm. Col. Sandra Gonçalves. **172. Danúbio Gonçalves.** *Vertebrados na pedra flutuante*, sem data. Óleo e resina damar sobre tela colada em aglomerado, 36,5 x 45 cm. Col. Sandra Gonçalves. **173. Glauco Rodrigues.** Capa da revista *Senhor*, ano 1, n. 4, Rio de Janeiro, jun. 1959. Col. Lucy Niemeyer. **174. Glauco Rodrigues.** Capa da revista *Senhor*, ano 1, n. 6, Rio de Janeiro, RJ, ago. 1959. Acervo Documental Fundação Iberê. **175. Glauco Rodrigues.** Capa da revista *Senhor*, ano 2, n. 1, Rio de Janeiro, jan. 1960. Col. Lucy Niemeyer. **176. Glauco Rodrigues.** Capa da revista *Senhor*, ano 2, n. 2, Rio de Janeiro, RJ, fev. 1960. Acervo Documental Fundação Iberê.



177



178



179



180



181



182



G. Bianchetti

Glauco Rodrigues

Otto Stupakoff

Danúbio

177. Glauco Rodrigues. Capa da revista *Senhor*, ano 2, n. 10, Rio de Janeiro, out. 1960. Col. Lucy Niemeyer. 178. Glauco Rodrigues. Capa da revista *Senhor*, ano 3, n. 4, Rio de Janeiro, RJ, abr. 1961. Acervo Documental Fundação Iberê. 179. Glauco Rodrigues. Capa da revista *Senhor*, ano 3, n. 8, Rio de Janeiro, ago. 1961. Col. Lucy Niemeyer. 180. Glauco Rodrigues. Capa da revista *Senhor*, ano 3, n. 10, Rio de Janeiro, RJ, out. 1961. Acervo Documental Fundação Iberê. 181. Otto Stupakoff. Capa da revista *Senhor*, ano 3, n. 12, Rio de Janeiro, dez. 1961. Col. Lucy Niemeyer. 182. Glauco Rodrigues. Capa da revista *Senhor*, ano 4, n. 2, Rio de Janeiro, RJ, fev. 1962. Acervo Documental Fundação Iberê.

## OS QUATRO GRUPO DE BAGÉ

### EXPOSIÇÃO

#### Curadoria

Carolina Grippa  
Caroline Hädrich

#### Expografia

Thais Lacerda de Castro

#### Design gráfico

Pomo Estúdio

#### Cenotécnica

J.O. Concretiza

#### Marcenaria

Sucesso Marcenaria

#### Iluminação

Landim Produções

#### Montagem

Fernando Luz (coord.)  
Antonio Paulo Lima dos Santos  
Cecília Bona  
Francisco Edcleiton da Silva Gomes  
Mário Vector

#### Seguro

Howden Brasil

#### Transporte

Atlantis  
MKF Transportes

#### Laudos técnicos

Carla Mabel  
Elisa Malcon  
Ellen Ferrando  
Paula Curado  
Rita Torquete

#### Produção e Realização

Fundação Iberê

### CATÁLOGO

#### Coordenação editorial

Gustavo Possamai

#### Textos

Carolina Grippa  
Caroline Hädrich

#### Revisão de texto

Beatriz Caillaux

#### Projeto gráfico

Pomo Estúdio

#### Fotografias

Anderson Astor, p. 29  
(esquerda superior), 36, 38  
Denise Andrade, p. 29 (direita  
inferior), 34  
Fabio Del Re\_VivaFoto, p. 4, 6,  
10-11, 17 (direita superior), 23  
(esquerda superior e inferior,  
centro e direita inferior)  
Fabio Del Re & Carlos Stein\_  
VivaFoto, p. 17 (esquerda  
superior), 22, 23 (direita  
superior), 29 (direita superior)  
Felipe Bastos, p. 2, 29  
(esquerda inferior), 40  
F.Zago/StudioZ, p. 17 (direita  
e esquerda inferiores)  
Gustavo Possamai, p. 15, 26  
Instituto Cultural Carlos Scliar,  
p. 18-19  
Marcelo Del Rei, p. 21, 25, 27

Na parte interna das capas,  
além dos fotografos acima:  
Isabella Matheus, Lepoldo  
Plentz e Raul Holtz.

#### Impressão

Ideograf

Edição 2025

© Fundação Iberê

Todos os esforços foram feitos para identificar os  
detentores dos direitos de imagem das fotografias  
aqui reproduzidas. Eventuais falhas ou omissões  
serão corrigidas em futuras edições.

## Fundação Iberê

### CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter  
Presidente

Arthur Bender Filho

Arthur Hertz

Beatriz Bier Johannpeter

Celso Kiperman

Dulce Goettems

Fernando Luís Schüller

Glaucia Stifelman

Hermes Gazzola

Isaac Alster

Joseph Thomas Elbling

Júlio Cesar Goulart Lanes

Lia Dulce Lunardi Raffainer

Livia Bortoncello

Nelson Pacheco Sirotsky

Renato Malcon

Rodrigo Vontobel

Sérgio D'Agostin

Wagner Luciano dos Santos Machado

William Ling

#### Conselho Fiscal

Carlos Cesar Pilla

Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna

Gilberto Schwartzmann

Heron Charneski

Ricardo Russowsky

Volmir Luiz Gilioli

#### Diretores

Mathias Kisslinger Rodrigues  
Diretor-Presidente

Daniel Skowronsky  
Vice-Presidente

Anik Ferreira Suzuki

Anna Paula Vasconcellos Ribeiro

Flavia Soeiro

Ingrid de Króes

Jorge Juchem Zanette

Justo Werlang

Pedro Dominguez Chagas

### EQUIPE

#### Diretor-Superintendente

Emilio Kalil

#### Superintendência-Executiva

Robson Bento Outeiro

#### Secretaria Executiva

Nara Rocha

#### Comunicação e Imprensa

Roberta Amaral

#### Design e Plataformas Digitais

José Kalil

#### Programa Educativo

Lêda Fonseca, consultoria pedagógica  
Ilana Machado, coordenação  
Juliana Corrêa, assistente de coordenação  
Brenda Leie, Eduarda Fassina Silva,  
Gabrielle Aguiar Lopes, Júlia Buiate,  
Pedro Dalla Rosa, Renato Vargas e  
Vitor Daniel Rosa, mediação

#### Acervo/Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert  
Gustavo Possamai  
Nina Sanmartin  
Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

#### Administrativo/Financeiro

Luciane Zwetsch  
Guilherme Collovini, assistente

#### Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

#### Gestão do Site e TI

Machado TI

#### Produção

Thiago Araújo

#### Conservação e Manutenção

Lucas Bernardes Volpato, consultor  
Arnaldo Henrique Michel, encarregado

#### Receptivo

Andressa Dresch  
Laura Palma

112 Os Quatro: Grupo de Bagé / textos e curadoria  
Carolina Grippa e Caroline Hädrich. – Porto Alegre:  
Fundação Iberê Camargo, 2025.

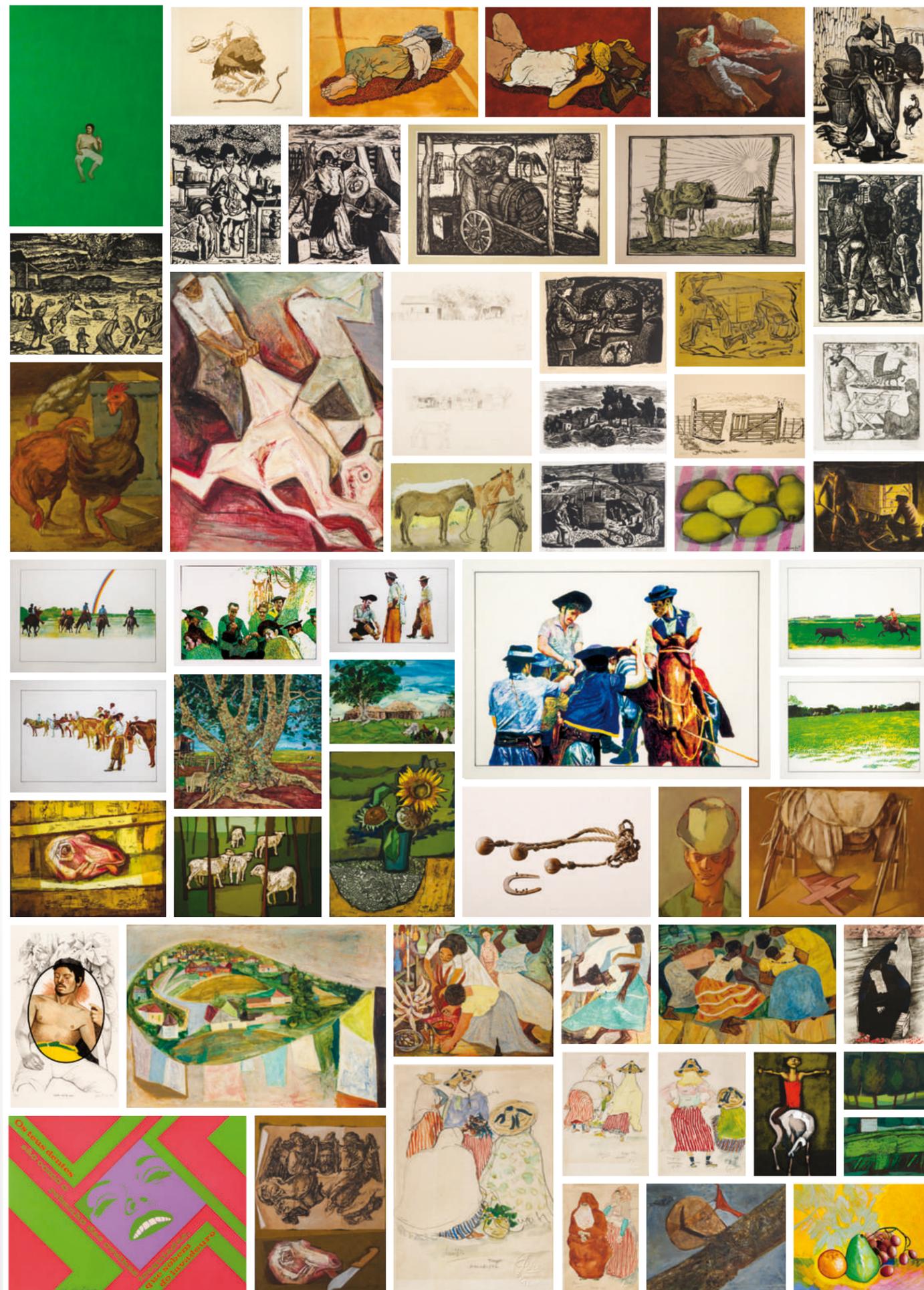
64 p.: il. color.

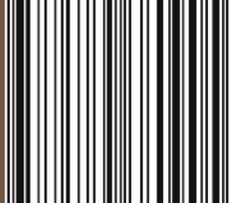
Catálogo da exposição realizada na Caixa Cultural  
Brasília de 18/03/2025 a 29/06/2025  
ISBN 978-85-89680-90-5

1. Artes plásticas. 2. Arte moderna. 3. Camargo, Iberê.  
4. Artistas Plásticos – Brasil. 5. Artistas Plásticos –  
Rio Grande do Sul. I. Grippa, Carolina. II. Hädrich,  
Caroline. III. Fundação Iberê Camargo. IV. Scliar,  
Carlos. V. Gonçalves, Danúbio. IV. Rodrigues, Glauco.  
VII. Bianchetti, Glênio.

CDU 73(81)

Catálogo na publicação: Suanny C. Coronel - CRB10/1884





ISBN 978-85-89680-90-5

## **CAIXA Cultural Brasília**

SBS Q. 4, Lotes 3/4  
Asa Sul, Brasília - DF, 70092-900  
Informações: (61) 3206 9448  
@caixaculturalbrasil

**caixacultural.gov.br**

Realização

Fundação **Iberê**

Patrocínio

**CAIXA**

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO